anxa
90-B
37751

ESBOÇO HISTORICO

VIANNA DO CASTELLO

POR

Luiz de Figueiredo da Guerra

Associado do Instituto de Coimbra,
Socio correspondente da Real Associação dos Architectos
e Archeologos de Lisboa, etc.

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1878

PRIMEIRA PARTE

VIANNA ANTIGA

Digitized by the Internet Archive
in 2015

https://archive.org/details/viannadocastello00guer

Non mea profero, sed antiqua refero.

Publiquei ha annos na *Aurora do Lima,* em folhetins algumas noticias sobre Vianna, que foram bem acolhidas pelos viannenses.

Desde logo me pediram que reunisse aquelles apontamentos e formasse um livro; resolvi hoje fazel-o, alterando umas cousas e accrescentando outras, pois cada dia possuia melhores documentos.

Foi-me impossivel apresentar em tão limitado numero de paginas a historia completa de Vianna; muito resta que fazer a quem quizer desenvolver os factos. Apresentei o que me pareceu mais interessante, deixando o resto por me faltar o espaço e tempo. Este trabalho foi consciencioso em quanto á veracidade dos factos, pois que o

auctor, ou melhor compilador os examinou em cada uma das suas fontes.

É com saudade que nos lembramos que Portugal foi uma das grandes potencias maritimas, que abriu communicações desconhecidas á industria e ao commercio do mundo inteiro.

N'uma situação geographica admiravel parece destinado a ser o deposito e receptaculo dos productos da America do Sul e Africa occidental. Banhado pelo Atlantico offerece á navegação 430 milhas de costa; sobre esta extensão apenas tem um porto amplo e seguro, que é o de Lisboa, uma bahia soffrivel, Lagos, e dois portos rasoaveis, Villa Real de Sancto Antonio e Figueira, ao pé da enseada de Buarcos.

Podemos affoutamente dizer que não temos marinha, comparando a nossa com a estrangeira; os poucos navios de guerra portugueza apodressem no Tejo; a marinha mercante desappareceu, e sómente a de cabotagem se sente aqui ou alli.

A bandeira das quinas deixou ha muito de apparecer nos grandes emporios maritimos, e até mesmo nas nossas colonias a chegada d'um navio portuguez é um acontecimento extraordinario.

Em geral o portuguez é bom marinheiro e inclinado ás aventuras, mas este germen morre com elle ou se manifesta na tendencia para a emigração.

A orla maritima das provincias do norte não possue um unico porto ou abrigo capaz de favorecer o commercio e desenvolver os seus grandes recursos.

O porto de Aveiro está obstruido, o do Porto é de difficil accesso, e o de Vianna apenas dá entrada, nas maiores praiamares, a embarcações que demandem 11 pés inglezes d'agua, e isto difficultosamente!

Os portos do sul pouco melhor estão; que o digam Setubal, Portimão, Faro e Olhão.

A nossa marinha mercante não prospéra, e até definha, porque o governo descura este ramo

de prosperidade, unico capaz de collocar o paiz em boas condições economicas.

Os armadores e os constructores, que tão bons os temos, sentem esmorecer o seu enthusiasmo perante as difficuldades, que se não tractam de remover por leis previdentes e de iniciativa.

Em Portugal desconhecem-se os grandes trabalhos hydrographicos, ou só se conhecem de nome. O porto de Leixões e os melhoramentos da barra de Vianna passaram á historia. Clamamos no deserto.

CALPE

Durante os seculos que se perdem no abysmo do passado, a peninsula Iberica foi o theatro de imigrações e emigrações de povos de origens diversas.[1] Os Phenicios, estes ousados navegantes, que fundaram a arte naval, foram os primeiros a pôr em practica a sciencia dos chaldeos, ousando perder de vista as praias conhecidas para buscar outras novas, dirigindo-se no espaço do mar só com o auxilio das constellações.

É a elles que se devem as primeiras colonias estabelecidas na Hespanha,[2] onde fizeram um commercio tanto mais vantajoso quanto este paiz era desconhecido[3] dos outros povos, e os seus naturaes ignoravam o valor dos metaes preciosos que aqui se começava a explorar. O costume de

---

[1] *Tubino* — Los Aborigenes Ibericos ò los Berberes en la Peninsula, Madrid, 1876.

Macpherson — Los habitantes primitivos de España. Madrid, 1876.

[2] Do phenicio Span ou Spanija, derivado do hebreu Scaphan, d'onde Scaphania ou Spania, terra dos coelhos; e segundo outros do celta span, amigo, companheiro.

[3] Span tambem significa occulto, desconhecido.

colonias maritimas constituia a riqueza da famosa Tyro; e desde muito as costas e ilhas do Mediterraneo e mesmo do Oceano Atlantico eram o campo onde elles alliavam a pirataria ao commercio, occupando todos os melhores pontos: Chypre, Rhodes, Créta, algumas ilhas do Archipelago, o sul da Italia, [1] Sicilia, Malta, Sardenha, Elba e Minorca. Depois de terem fundado a antiga Abdéra e Malacca (Malaga) passaram o estreito entre Abyla e Calpe [2] e entravam no Oceano, fundando Gadir (Gadès ou Cadix) [3] e Assidonia.

Foi pelas narrações dos Tyrios de Gadir que os Gregos, que começavam a competir com os Phenicios, impellidos pelo genio aventureiro adquirido na guerra de Troia, depois d'ella terminada resolveram visitar a Iberia, paiz mara-

---

[1] Movers, Die Phönizier, t. II, Q.ter Theil, pag. 341 a 343. Masperò, Hist. anc. pg. 246.

[2] Καλπη, ης, (ἡ), monte.

[3] Abdèra (Adra) «Segue-se depois d'esta (Exis) Abdèra que é tambem obra dos Phenicios» Estrabão III, pg. 156 in fine et seqq.

Agadir (אגדיר) «Pœnus quippe locum Gadir vocat, undique septum.— Aggere producto» verso 615.

«Nam Punicorum lingua conseptum locum — Gadir vocabat». Verso 268 de Festo Avieno ou à Vianna, Orb: terrae, descr: — del alphabeto e lengua de los Fenices y de sus colonias, Madrid, 1772, pg. 370-374.

vilhoso que offerecia aos estrangeiros metaes preciosos e patenteava suas areias auriferas e palhetas que os indigenas trocavam por objectos que os mercadores de Tyro lhes forneciam. A concorrencia dos gregos os afastou d'estas costas occidentaes da peninsula, retrahindo-se um pouco mais para o Sul, e abandonando-lhes estes sitios onde desembocavam os seus mais fundos rios, que offereciam um caminho facil para a exploração e commercio. Não o desconheceram os gregos, pois se estabeleceram em diversos pontos maritimos, subindo os rios e fundando numerosas colonias [1].

Pelos seculos XI ou XII antes de Christo aportaram os gregos ás margens do rio Lima, onde tractavam de fundar uma povoação na sua foz, que pela pressa com que foi feita, dizem, lhe chamavam Calpe [2].

«Extincta Troia, Diomedes appulit oris [3]
Lethes, erexit urbem cognomine Calpe
Postque Viannam sic dixere Coloni».

. . . . . .

«In ripa Lethes Diomedes condidit urbem
Nomine Calpem, nunc pulchra Vianna tenet:
Tyde hinc; atque Argua Calpe....» [4]

---

[1] Plinii — Natur. Hist. liv. 4, cap. 20.
[2] Καλπασμος, pressa, galope.
[3] 1156 a. Christo.
[4] Rufus Festus Avienus ou a Vianna, poeta gôdo do

Segundo a opinião d'um antigo e curioso manuscripto, que me serviu de texto (vide a nota no fim), os antigos pescadores do Lima, e ainda os do seu tempo (1710), se chamavam Calleyros, corrupção de Calpeiros, d'onde o bairro que habitavam — rua dos Calleiros — que ainda hoje existe.

Tomando incremento esta nova colonia pela affluencia dos gregos, resolveram fundar outra um pouco mais ao norte, a que deram o nome de Tyde ou Aetola [1], em memoria de Tydeo, rei da Etolia.

Em geral confunde-se esta cidade com a Tui moderna ou Tyciano [2]; mas aquella ficava na praia do mar, perto de Monte-dôr, em quanto que Tui a menor está a trinta kilometros, subindo o rio Minho, onde foi edificada muito posteriormente.

4.º seculo, cujas obras manuscriptas se acham no Escurial, traduziu em versos latinos o *Periegèsis* (viagens) de Denys grego, sob o titulo *Descriptio orbis* terrae, que faz parte do tomo v dos *Poetae latini minores* de Wernsdorff.

[1] Resende, de antiq. lus. tom. 1.º pg. 60.

[2] Castellum Tude.

OS CELTICOS

Constou aos Celtas das Gallias a fertilidade dos terrenos da parte occidental da peninsula, pelo que resolveram emigrar. Repellidos da foz do Ebro, costearam a Hespanha até ao Guadiana, que subiram até encontrar os Turdulos seus povoadores (os quaes então se começavam a chamar Turdetanos para os distinguir dos antigos Turdulos), que os receberam dignamente. Augmentando cada vez mais o numero de celtas, determinavam de commum accordo que alguns se dirigissem para o Norte da peninsula.[1] Passaram o Tejo, o Munda e o Douro, fundando pelo caminho algumas cidades, de que hoje só resta memoria, e de outras nem essa.

Passado o Douro, foram os celticos bem acolhidos por estes povos (com os quaes se ligaram intimamente), que depois se chamaram brachareuses, ou galli-braccati.

Chegados finalmente ás deliciosas margens do

---

[1] Estaço, de antiq.— cap. 18 n.º 4. Resende liv. 2.º fol. 77. Benedictina tomo 1.º, tract. 2.º, e ms. de A. Machado Villas Boas.

rio Lima, se desavieram de tal modo, que chegaram a pegar am armas [1].

Entendemos que os Turdulos ficaram de peior partido, pois se retiraram, indo fundar Araduca, que uns dizem ser Guimarães, e outros Amarante.

Os celticos vencedores se extenderam pelas margens do rio, onde se estabeleceram definitivamente [2].

D. Rodrigo da Cunha, no catalogo dos Arc. de Braga refere este successo ao anno 359 a. Chr.

O que nos tira a duvida da vinda dos celticos ao paiz de Entre Douro e Minho é o antigo nome que tinha de Galliza ou Gallecia, que tomou dos gregos seus antigos povoadores, como diz Plinio liv. 4.º, cap. 20:

«Galleci autem Graecam sibi originem asserunt»; e dos celtas francezes na lingua latina Gallus, donde Gallo-Grecia, corrupto em Galliza ou Gallecia como quer Faria e Sousa [3]. Depois com o tempo este nome passou a designar um

---

[1] Estaço e Estrabão.

[2] Ferunt inter hos Celticos et turdulos, cum fecissent expeditionem eo, Limaeo flumine transito,... mansisse illos ibi dispersos: Strabo, l. 3. A. Herculano, Hist. Port. tom. 1.º, pg. 15, nota.

[3] Entendemos que Gallecia se deriva de Calle ou Calpe

paiz e reino differente, mais ao Norte, e a provincia de Entre Douro e Minho encorporada a Portugal, perdeu o antigo nome pelos annos 1029 da era christã [1].

---

e οικος, ου, ὁ, — casa, familia; d'onde Callaicos, e depois Gallegos,

[1] A. Herc., tom. 1.º, pg. 194, diz no anno 1096.

Mem. de litter. da Acad. R. das Sc., tom. 6.º, pg. 127, nota 1.ª

O LETHES

Os gregos que viviam em Calpe e sua comarca receberam compadecidos os errantes celticos, repartindo com elles a cidade e campos [1], ligando-se em parentesco para maior firmeza de amisade. Com estes hospedes augmentou-se demaziado a povoação não só em edificios mas em tracto, visto o genio dos Gallos-francezes.

A contenda havida entre os povos ou tribus dictas fez perder ao rio o antigo nome de Belion [2] dos gregos, e tomou o de Lethes como nota Resende, tomo 1.º, pg. 119-120:

«ab iis fluvium oblivionis esse dictum»

E Estrabão:

«Hanc ob causam flumen Lethe id est oblivionis appellatum.»

Que este é o proprio e verdadeiro rio do esque-

---

[1] Garibay.

[2] Do hebraico בְּלִי beli, sem, e do grego Επηλαιτης, de caverna.— Vide Estrabão, liv. 3.º, pg. 153.

[3] Λητη, ης, ἡ, esquecimento.

cimento tão celebrado dos antigos o diz claramente Pomponio Mela fallando d'elle:

«cui oblivionis cognomen est Limia.»[1]

Merece este auctor grande auctoridade por sua antiguidade e credito, visto ser natural de Hespanha e viver no primeiro seculo da era christã. André de Resende, D. Rodrigo da Cunha, padre Manuel da Esperança na Historia Saraphica, e todos os auctores naturaes e extrangeiros são de accordo nesta citação.

---

[1] Λιμὴν, porto, bahia, d'onde julgo se derivar o nome de Lima, que hoje tem o rio.

VIANNA

A insaciavel cubiça das riquezas tornaram a Hespanha o alvo das emigrações estrangeiras. Os gregos e os celticos que viviam promiscuamente na cidade de Calpe e terras circumvizinhas resolveram mudar a cidade do antigo logar para outro mais forte e seguro, onde tivessem guardadas fazendas e vidas.

Escolheram de commum accordo o sitio mais alto do monte que lhes ficava sobranceiro, braço da ingreme serra de Arga[1].

Delineados os alicerces da nova cidade no sitio que lhes pareceu mais seguro e salubre, por ser eminente e inclinado ao norte, circumstancias estas que procuraram para a construcção, e que ainda se podem ver de seus vestigios, cingiram toda esta fabrica com fortes e inexpugnaveis muros. Segundo a opinião mais constante foi esta mudança no anno 296 a. Chr., como diz Fr. Thomaz na Benedictina e João Castellão Pe-

---

[1] Do grego — Αργὼ, ῦος, (ἡ), Argo, navio.
Αργὸς, οῦ, ὁ, branco, vigilante.
Αργὸς, Argos, cidade da Grecia.

reira no Compendio de Historia, e todos os outros.

Viveram portanto os celticos 63 annos na antiga cidade de Calpe, antes de se mudarem para o alto do monte, devendo-se esta iniciativa aos gregos.

Rodrigo Mendes da Silva na Poblacion de España,[1] Covarruvias no Thesouro da lingua Castelhana, Aldrete, Raymundo, Castellão, Machado Villas Boas, Fr. Thomaz, o Licenciado Jorge Cardoso no Agiol. Lus., Fr. Manuel da Esperança e outros que não nos lembram, todos dizem que os *celtas* deram o nome de Vianna á nova cidade, em respeito e amor á sua patria no districto de Vianna (Delfinado) nas margens do Rhodano.

Discordam porém outros, fundando-se em que não era provavel que os gallos conservassem tão viva memoria da sua patria, porque havia já 657 annos que d'ella tinham saido; e esta é tambem a nossa opinião.

A causa que houve para lhe dar tal nome foi haver nesse sitio um famoso templo á deosa *Diana*[2], no sitio onde hoje está a capella de

---

[1] Tom. 1.º, pg. 1, fol. 363 e 376.

[2] Deosa da caça. *Diana* originariamente *Deiana*, em

Sancta Luzia, querendo talvez os catholicos apagar assim a lembrança do paganismo, venerando sob a ara derribada de Astarté a inclyta martyr christã.

Ha tambem quem affirme que Vianna é corrupção de Biduana, por ser a obra feita em dous annos. Regeitamos completamente esta opinião, que não tem fundamento solido.

Com este feliz nome de Vianna floresceu largos annos esta nobre cidade, sendo por este conhecida e celebrada nos antigos escriptores: Lucio Flavio Dextro, Marco Maximo, monge de S. Bento e Bispo de Saragoça, Berganza [1], e Rufo Festo Avieno:

«..... Protendit latius arva
Oceani Vianna solo, quae glanca recumbit
Hispaniae Oceano: Tyde hinc, atque Argua Calpe
Hinc Hispanus ager, tellus hinc, dives Iberum.»

A antiguidade e merecimento de Rufo Festo é incontestavel, como diz Manuel Faria e Sousa na Europa Portugueza, e o Licenciado Jorge Cardoso.

---

logar de *Divana*, celeste. As colonias saidas de Marselha propagavam na Iberia o culto de Diana de Epheso, tornado para ellas culto nacional — *Larousse* verb. Diana.

[1] Antig. de España, 1771, Fr. Francisco de Berganza, tom. 2.º, pg., 548 (chronicon Emilianense).

Esta antiguidade de Vianna e o respeito a seu nome o confessam todos os auctores citados, e ainda Duarte Nunes de Leão, Vasco Floriano do Campo e fr. Antonio Brandão, auctores estes que póde consultar quem duvidar da existencia de Vianna antes de Affonso 3.º lhe dar o foral, sendo este documento o proprio a tirar as duvidas: «*De novo* impono nomen Vianna.»

DECIO JUNIO BRUTO

Foi no 3.º seculo a. de Chr. que a influencia cathagineza se estabeleceu definitivamente áquem do estreito [1]. Alguns annos adeante, rebentando a guerra entre Roma e Carthago, de boa vontade deram os hespanhoes o soccorro pedido, especialmente os grayos ou gregos da foz do Lima, como refere Silio Italico [2], declarando que estes eram os descendentes dos companheiros de Diomedes:

«Et quos nunc Gravios violato nomine Grajum
Oeneae misere domus Ætolaque Tyde.»

E noutro logar, fallando dos apaixonados de Carthago, menciona a gente de Entre Douro e Minho, e ainda em especial os moradores do Lima:

«Quique super Gravios lucentes volvit arenas
Infernae populis referent oblivia Lethes.»

Os Carthaginezes dominavam toda a parte da

---

[1] A. Herculano, tom. 1.º, Hist. Port., pg. 18.

[2] Silius Italicus, liv. 3.º e liv. 1.º v. 235 (de *bello punico*); Appianus, de *bello hisp.*, n.º 295.

peninsula áquem Ebro, e foi nestas partes que as duas republicas rivaes travaram sanguinolentas luctas.

Os povos indigenas foram poderosos auxiliares, fornecendo o melhor das forças dos Carthaginezes, [1] originariamente tambem Phenicios; assimilação esta que veio reforçar «o sangue greco-punico phenicio misturado e mil vezes cruzado [2].»

Resolveu Roma enviar á peninsula o consul Decio Junio Bruto para vingar as affrontas feitas ao nome romano. Corria o anno de 137 a. Chr. quando o proconsul veio á Lusitania e domou a Hespanha até ao Oceano [3].

Tinham os callaicos auxiliado os lusitanos, pelo que, depois de descansar em Braga, marchou Decio ou Decimo Bruto contra elles, dirigindo as suas bandeiras para Forum Limicorum (Ponte do Lima).

Conquistou o capitão romano algumas cidades da margem esquerda; e como os callaicos (ou gallegos) estivessem reunidos além Lima, resol-

---

[1] Polib. Historia, liv. 1.°, c. 67 e segg.

[2] As raças historicas na Peninsula Iberica pelo sr. Corrêa Barata — Coimbra, 1872, pg. 9.

[3] Tito Livio, Epit. liv. 55; Mem. hist. da A. R. Sc., tom. IX, pg. 201-202.

veu passal-o [1] no sitio hoje chamado Passagem.

Saíram estes povos a impedir a marcha de Bruto, levantando fortificações, que depois foram reedificadas durante o dominio arabe quando o rio Lima serviu de limites a christãos e mouros, e cujas ruinas ainda se observam de uma e outra margem.

Felizes nos logares montanhosos e apertados, foram derrotados em campo os nossos naturaes; pelo que convocaram novos reforços dos povos de além Minho. Para obstar a este soccorro marchou Bruto direito ao rio Minho, e, encontrando-os na passagem do rio, os poz em fuga.

Contente Decio Junio com este feito, desce á foz do rio que marca o termo de sua expedição [2], e se dirige para a cidade [3] de Vianna. No caminho destruiu completamente a antiga Tyde ou Tui, que estava á vista da cidade, querendo assim intimidal-a. Não desanimaram estes povos com os desastres dos seus, e não se renderam sem experimentar suas forças com os romanos.

---

[1] Tito Livio, liv. 55; Lucio Floro, Hist. Rom., liv. 2.°, cap. 17; Appiano Alexandrino e Plutarcho referem este facto, e o receio dos soldados em passar o celebre Lethes.

[2] «Hic expeditionis Bruti terminus est». Estrabão; Rezende, tom. 1.°, liv. 3.°, pg. 178.

[3] Ms. de 1710, § 82.

Vista a pertinacia dos Viannenses, resolveu Bruto atacal-os pelos dois castellos que defendiam a cidade, um pelo norte, que hoje se chama *Crasto,* e o outro pelo sul, cujas ruinas se vêem junto á capella de Sancta Luzia.

Apezar de tenaz resistencia não houve remedio senão capitular, mas com credito para as suas armas e conveniencias para as suas pessoas, como o achamos nos versos do poeta viannez:

«Victis Gallecis, Decius cognomine Brutus
Obsedit Romanorum dux inclitus urbem,
Quam Galli Celtae semper dixere Viannam.
Fortiter armatis Romanis illa resistit;
Sed tandem.....»

O triumpho de D. J. Bruto, filho de M. Junio, sobre os Lusitanos e Callaicos foi no anno de 617 da fundação de Roma (a. Chr. 136), como consta das táboas Capitolinas [1]. Ahi é appellidado Bruto Callaico.

Diz Avieno:

«Sed tandem manibus Decii Bruti excidit altis,
Ille suo cognomine ductus tunc Brutonia dixit:
Magna Viannae armis oppressae gloria semper».

Dizem alguns auctores [2] que o nome de Bru-

---

[1] Rezende, tom. 1.º pg. 178; e Estrangeiros no Lima, tom. 2.º, pg. 122.

[2] Licenciado Jorge Cardoso, e Rodrigo Mendes da Silva.

tonia ou Britonia foi devido á gratidão dos Viannezes, e não imposto pelo conquistador:

«Vocaverunt nomina sua in terris suis».

A opinião mais seguida é que o nome de Brutonia se extendia não só ao paiz, mas mesmo á cidade[1]. Não posso conformar-me que a antiga Vianna perdesse completamente este nome. Senão, vejamos.

---

[1] P. Contador de Argote, Mem. de Braga, tom. 4.º; Estaço Antig. de Port., cap. 44, pg. 165: Vaseo, na Chron. cap. 20; Brito, Mon. Lus. passim; e Cardoso no Agiol., tom. 2.º, pg. 22, em 2 de março.

RUINAS

Em quanto que nas chronicas e documentos da edade media se lê o nome de Brutonia corrompido em Brutonium, Britonium, Britonia, Britinia, Betonica [1] e Bretoléum, parece que o de Vianna fôra completamente esquecido.

Mas não é assim:

«Anno domini 260 octavo Kal. febr. *Viannae*, prope Tudem civitatem, passi sunt Sancti Martyres Theophilus, Saturninus et Revocata virgo sub Julio Minervio.» [2]

E ainda:

«Prope Tudem in Gallecia in oppido Viannense Sancti Pontifices Maximilianus et Valentinus clarent».

Querem alguns harmonisar a 1.ª citação, dizendo que como aquelles tres martyres não quizessem sacrificar aos deuses no templo de Dianna, nesse mesmo logar soffreram o martyrio; e por isso Dextro, versado nas historias, dissera Viannae (ou Diannae) e não Britoniae.

Mas a 2.ª vem destruir esta illusão: estes

---

[1] Κῆσρον — herva do esquecimento; betonica (Dioscorides).

[2] Flavio Dextro — Martyr. Rom.

bispos padeceram o martyrio a 29 de outubro do anno 424 na *mesma* cidade onde ostentaram suas virtudes:

«in oppido Viannense».

Rufo Avieno, natural d'estes sitios, e que viveu no seculo IV, o confirma:

«Na margem de Lethes Diomedes edificou a cidade chamada Calpe, onde *agora* está a formosa Vianna».

E Marco Maximo:

«Episcopatus Viannensis [1] in Gallecia reducitur ad Tudensem anno 610».

Berganza, [2] fallando das egrejas metropolitanas de Braga, cita a de *Vittania.*

Consultemos agora a historia d'esta desgraçada provincia (deixando o dominio barbaro [3]), que

[1] Castellão é de parecer que os seus bispos mudaram de domicilio por causa das frequentes correrias dos piratas na foz do Lima, e se estabeleceram na cidade de Britonia, que estava na sua jurisdicção e districto.

[2] Antig. de Esp., tom. 2.º, pg. 548, chron. Emilianense.

[3] Nada de certo pude obter com respeito a Vianna sob o dominio suevo: a chronica é obscura e confusa.

durante o musulmano na peninsula foi o theatro de correrias sem numero, sendo o seu territorio saqueado e destruido no interior pelos serracenos e as costas infestadas pelos normandos.

Foram bem longos esses vinte e tres annos (716 a 739) que soffreu o jugo arabe. Apenas acclamado, Affonso I animou os christãos, e a guerra de defensiva tornou-se offensiva: a Galliza foi conquistada até ao Douro [1].

Os capitães christãos foram-se estabelecendo n'esta provincia de Entre Douro e Minho, donde guerreavam constantemente os mouros; seus nomes e castellos, torres ou atalaias, passaram aos vindouros como solares das familias illustres, que é privilegio d'esta provincia.

D. Pelayo Ermudez ou Vermudez, conde de Tui, descendo o rio Lima, conquistou este paiz até ao Oceano (736).

Affonso II, o Casto, foi um principe activo e bellicoso, o que valeu correrias sem numero no territorio: Abdul-Malek assolou-lhe em 793 a Galliza, destruindo cidades, castellos, e despovoando as terras a que ao depois o rei de Leão, Affonso III o Magno, deu foraes e cartas de povoação (883). Viva e longa foi, e devia conti-

---

[1] A. Herculano, tom. 1.º da Hist. de Port., 129.

nuar a ser, a guerra entre christãos e sarracenos.

Al-mansor, este celebre hajib, aproveitando-se das dissenções entre D. Ramiro III e D. Bermudo filho de D. Ordonho, entrou ajudado pelo conde D. Vella (que fôra expulso das suas terras pelo conde D. Fernando Gonçalves) pelas nossas terras, tomou Coimbra [1], governada então pelo Conde D. Gonçalo Moniz, governador das terras de Portocale; destruiu o hajib Braga, arrasando o mosteiro de S. Martinho de Dume; foi pôr apertado cêrco a Britonia, que teve de se render, pagando cara a resistencia: tudo ficou reduzido a um montão de ruinas (982 a 983) [2].

Retirado Al-mansor, voltaram os infelizes fugitivos de Britonia a remediar o damno; mas, vendo o desgraçado estado da sua cidade, resolveram fundal-a de novo na formosa planicie que se estende entre o monte e o mar, proximo áquelle, para se aproveitarem dos materiaes da antiga cidade.

Aqui fundaram uma linda villa, a que deram por então o nome de Povoança (hoje Povoença). Tractaram desde logo de erigir um templo á

---

[1] Herculano, tom. 1.º, 148–150.

[2] Creio preferivel a data de 897. A. H. tom. 1.º, pg. 151.

Virgem, sob a invocação de Sancta Maria de Vianna (ou da Vinha [1]), nome que se estendeu a toda a povoação, augmentada já em edificios e commercio.

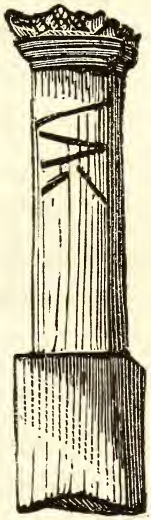
[1] «Vinea non praebet nomen, sed nota Viena» Castellão Pereira.

HOJE

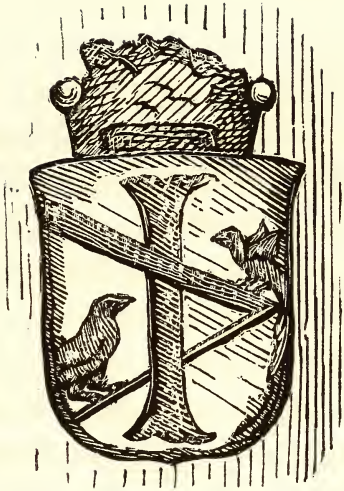
Antes da reunião na Citania, que era no dia 9 de junho, visitando casualmente o monte de Sancta Luzia, notou o célebre architecto, o sr. Possidonio da Silva, as ruinas que se prolongavam ao longo de uma muralha no cimo do monte na planura do norte.

Cavou n'alguns sitios, e não foi debalde; pelo que organisou uma commissão para explorar aquelles vestigios da antiga povoação. Principiaram a exploração desde logo pelo angulo da muralha do norte a nascente, dentro d'um recinto que cérca algumas habitações, das quaes onze estão a descoberto. Parece fazer parte de um bairro cidade, e como tal pouco ou nada poder affirmar, sem que posteriores e variadas excavações dentro do amplo recinto d'aquelles muros, construidos em degráus, sejam uniformes com as encontradas.

Quem examinar essas habitações, postas á luz do sol desde seculos de inhumação, e vir aquellas



0,05



0,50

MONOGRAMMAS

casas oblongas e toscas, dirá se ellas convêm á florescente cidade romana, que chegou a ser séde episcopal!

Onde os templos, as construcções quadradas e regulares dos romanos, as pilastras e columnas, as lapides e cippos, tão vulgares em todas as ruinas d'este povo?

Entre os objectos encontrados avultam moedas romanas de Cesar a Constantino, estando algumas totalmente oxidadas, uma de prata da familia Julia com elephante, outra com golphinho e legenda *Concordia;* pregos fundidos em cobre, enfeites do mesmo metal; fragmentos de ceramica de procedencia romana; uma figurinha ou talisman de cobre (com 0,05 de comprido sobre 0,01 por lado) em fórma de columna ou pilastra com as lettras em monogramma, que entendo poder-se desenvolver ΔIANA ou Diana [1].

Além d'isso se encontraram fragmentos de uma bem trabalhada taça de vidro de uma tenuidade admiravel!

Como coordenar elementos tão diversos?

Nenhum dos objectos, além d'este ultimo, achados todos de mistura a 0,45 de profundidade no piso do terreno antigo, denotam a epocha posterior a Constantino. A julgar por elles

---

[1] É uma das gravuras.

a povoação foi destruida por esses tempos das primeiras invasões dos barbaros.

Que credito daremos á historia e á tradição?

Em quanto se não fizerem buscas minuciosas e os trabalhos começados não continuarem,[1] ficamos indecisos.

---

[1] A commissão de exploração, escolhendo para seu presidente o da Camara, o sr. Antonio Pinto de Araujo Corrêa, condemnou-se antecipadamente, pondo á sua frente um individuo analphabeto e sem iniciativa.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

NOTA (pg. 8.)

Certo manuscripto de 1710, que obsequiosamente me prestou o sr. F. A. de Moraes, e que tracta sómente da antiga Vianna (cópia de 1808).

Extrahi tambem algumas noticias do

— Epilogo de noticias sobre Vianna e sua fundação por João Castellão Pereira. Ms. de 1700, pertencente á confraria dos Clerigos da Matriz, e cujo original está hoje em poder do sr. Manuel José Felgueiras;

— Memorias antigas da Villa de Vianna foz do Lima desde o seu principio pelo padre Antonio Machado Villas-Boas, Ms. de 1752. Pertence o original ao sr. Francisco Casimiro da Rocha Páris. Serviu elle de base aos trabalhos de Bezerra nos Estrangeiros no Lima e aos primeiros capitulos do livro 3.º (tomo 1.º) da Chronica da Conceição, onde é citado a pg. 513 sob a epigraphe: Antiguidades do Lethes e fundação da mui notavel villa de Vianna;

— Pedro de Almeida Couraças, Fenix Vianneza ou Vianna renascida no atrio (tracta só da Vianna moderna), Ms. de 1722, cujo original, perfeitamente conservado, é do sr. F. A. de Moraes. Na Chronica da Conceição, a pg. 515 do tomo 1.º, se attribue este livro a Castellão, o que é um gravissimo erro, como se póde ver na Bibl. Lus., tom. 3.º, pg. 552, e tom. 4.º, pg. 176.

SEGUNDA PARTE

VIANNA MODERNA

BRUTONIA

Consultemos o douto Bluteau[1] na palavra *Britiande:*

«Brutonia foi antigamente cidade no Minho entre Viana e Ponte do Lima, onde se conserva hoje o theatro de suas ruinas, e com pouca corrupção o nome de Britiandos. Foi Britonia Bispado como se collige da primeira divisão dos Bispados que se fez em tempo do grande Constantino, pois entre as egrejas sujeitas á Metropole de Braga poem o de Britonia. Não se póde averiguar se esta cidade foi da fundação de Junio Bruto que triumphou dos Gallegos, e d'elle se chamaria Brutonia, se de Britones ou Bretoens povoadores da Gram-Bretanha. Só consta que fôra florentissima em tempo dos Romanos e dos Godos, e só depois de uma vigorosa e gloriosa resistencia foi tomada e destruida por Almançor no tempo em que os Mouros invadiram e assolaram Hespanha. E assim de cidade episcopal que era se viu redusida ao logar que hoje chamamos Britiandos, residencia e solar dos Senhores d'este appellido, aos quaes parece deu nome.»

Na palavra *Lima*[2]:

«O nome d'este rio foi (como aponta Strabo) *Essemea*, e junto com elle lhe chamavam Belion, e agora se chama Lima, derivando este appellido, como apponta Florião do Campo, do lugar da sua nascente, que em nossos dias se chama *Lima*, e é uma comarca entre villa de Rey e Ginzo no Reino da Galliza, a qual comarca tem o nome de *Limia* em razão dos muitos lamarões e lagôas, que tem em si chamadas em grego *lymni*, e em latim *limus*, e na nossa lingua *limos*, que vále o mesmo que pantanos ou lamarões.»

---

[1] Tom. 2.º, pg. 195, Vocab. Lisbôa 1712.
[2] » 5.º, » 128.

Em quanto a *Vianna*[1] diz que:

«O seu primeiro sitio foi em um monte onde hoje está a ermida de S.ta Luzia.»

E palavra *Diana*[2]:

«Tambem lhe chamavam *Delia*, de Delphos; antigamente os ourives faziam-lhe pequenos templos; contra este abuso pregou S. Paulo.»

E ainda na palavra *Lethe*[3] vem confirmar a opinião atraz emittida.

João Baptista de Castro[4] resume em poucas linhas os pareceres de varios auctores sobre o logar onde existiu Britonia:

«Ha grande controversia sobre a sua verdadeira situação. Alguns querem que estivesse em Galliza, opinião esta que combate Jorge Cardoso[5]; muitos insistem[6] em que esta cidade estivera no sitio de Britiandos, Abbadia de Ponte do Lima.»

«O P.e Carvalho[7] colloca-o em Britello termo da villa da Ponte da Barca.

«Ultimamente o incansavel e erudito P.e Argote convém em que existiu junto ao rio Lima[8], fundando-se em mais provaveis documentos.»

---

[1] Tom. 8.º, pg. 486.

[2] Suppl., tom. 1.º, pg. 317.

[3] Tom. 5.º, pg. 85.

[4] Mappa de Port., tom. 1.º, pg. 10.

[5] Agiol., tom. 2.º, pg. 23.

[6] Mon. Lus., liv. 7, cap. 23; fr. Leão Ben., tom. 2.º, pg. 2, cap. 21.

[7] Corogr. de Port., tom. 1.º, pg. 237.

[8] Argot., Mem. de Brag., tom. 2.º, pg. 682.

O FORAL

As continuas luctas e invasões n'estas terras de Entre-Douro e Minho, feitas pelos turbulentos condes da Galliza e reis de Leão, pouco influiram no desenvolvimento da villa de Povoanças. Melhorando todavia as cousas, a povoação foi crescendo tanto pelo commercio e navegação, que se formou outra grande povoação na foz do rio Lima no sitio chamado *Atrio*.

Não tardou a ter tal importancia, que pelos serviços prestados D. Affonso Henriques a fez *couto;* e pela sua prosperidade mereceu ser dada ao bispo de Tui D. Palayo[1] em reparação dos damnos feitos á sua egreja, onde se conservou até D. Affonso III, que a permutou com D. Gil, bispo de Tui, dando por este couto os Padroados de Sá Riba Lima, Fife, Balthasares e Villa-Mou, e ficando outra vez do Padroado Real. Pelo correr do tempo apparece a egreja de S. Salvador de Vianna encorporada no bispado de Tui, pois vemos por documentos que, sendo prelado d'esta diocese D. João Fernandes de Sotto-

[1] Em 1137 — Sandoval, Antig. de Tui, pg. 115 — Antiguidades do Lethes, tom. 2.º e 5.º, n.º 286.

Maior na reinado de D. Diniz se uniu á corôa de Portugal para sempre.

D. João I deu ao primeiro bispo de Ceuta a comarca de Valença e com ella o padroado da egreja de S. Salvador de Vianna. Sendo porém incommodo aos bispos de Ceuta visitar esta comarca e aos arcebispos de Braga o ir a Olivença, os trocaram a 5 de agosto de 1514, sendo arcebispo de Braga D. Rodrigo de Sousa, a cuja diocese ainda hoje pertence.

Na sua peregrinação a S. Thiago de Galliza [1], attentara o conde de Bolonha na importancia da povoação do Atrio e valor do logar, pelo que lhe concedeu o titulo de villa e foral com regalias e privilegios importantes:

«Quero fazer *povoação* o logar que se chama Atrio na foz do Lima; a esta povoação *de novo* chamarei *Vianna*».

D. Affonso queria assim fazer reviver os antigos brios. O foral ou carta dada nos faz ver que o rei não fez mais do que aproveitar os elementos já estabelecidos e amolgal-os ao seu poder. Receando por um lado as poderosas forças de Leão e Castella, e avaliando a importancia geographica do logar que D. Affonso nas guerras

[1] Em 1253.

com sua mãe fizera couto, lhes abriu a cornucopia das graças:

«Eu D. Affonso III, rei de Portugal e conde de Bolonha, faço saber que concedo aos habitantes de Vianna quanto possuo e posso por direito vir a ter na mesma villa e seu termo, em quanto que os seus nobres estiverem a favor dos Infanções em todo o meu reino; e isto para não terem outro Senhor, senão a mim, minha mulher e filhos, segundo o direito hereditario para sempre, etc. Dado aos 18 de junho da era de 1296». [1]

A este appêllo por el-rei de toda a parte do reino concorreram habitantes, que em reconhecimento dos privilegios se obrigaram a pagar annualmente 1:100 maravedis velhos (réis 50$185), levantar á sua custa os muros de cantaria e entreter sua defeza.

Pequeno e acanhado foi o plano da antiga villa.

O circuito murado começava na porta da ri-

---

[1] Na lapide da camara o foral tem a data XVIII junii E.MCCLXVI. O que é um gravissimo erro, pois D. Affonso III

	Christo	era
Nasceu .... a	5-5-1210	1248
acclamado ..	1248	1286
Morreu	16-2-1279	1317.

Hist. Geneal., tomo 1.º, pg. 164 — Chr. da Conceição, tomo II, liv. IV, pg. 470-471; tomo I, liv. III, pg. 523.

O foral foi dado por carta de Guimarães em 18-junho 1258.

Livro das doações do sr. Rei a folh. 32.

beira, rua do Caes, Victoria, arco de S. Crespim, rua do Caxuxo, direito ao Eirado (hoje casa Malheiro Reimão), voltando ahi á praça da Erva, vindo terminar no largo da Picota. Cinco portas flanqueavam seus muros: S. Thiago ao norte, S. João e Victoria ao sul, S. Pedro ao oriente e S. Filippe ao occidente.

OS NORMANDOS

Reinava Carlos Magno em França quando os normandos começaram a assolar as costas occidentaes do vasto imperio; e nos ultimos annos da sua vida os viu chegar impunemente até ás terras do centro, subindo os rios, saquearem tudo e desapparecerem logo. Corria o anno 853 [1] e reinava Ramiro I quando pela primeira vez os homens do norte appareceram nas costas da Galliza. Mal foi saberem o caminho; desde então as piratarias e as correrias não cessaram, tentando estabelecer-se n'alguns pontos.

Que encontrara o primeiro rei nos pantanos do Lima quando guerreava D. Thereza e seus alliados?

---

[1] A. Herc., Hist. de Port., 4.ª edição, 1875, tom. 1.º, pg. 78.

Uma povoação de homens do mar, que pareciam alli plantados pelas ondas do Oceano que devassavam.

Sua linguagem era o bretão aspero e barbaro, como o dos invasores da dynastia carlovingia e dos conquistadores da Inglaterra em 1024.

É d'elles que a Chronica Gothorum falla:

«Era de 1054, a 23 de Setembro, vieram os Lormanes a Castello de Vermoim, no districto de Braga.» [1]

Muito differentes eram então as condições dos habitantes christãos do occidente da Peninsula e os sarracenos hespanhoes e africanos [2]. Aquelles possuiam pequenos barcos costeiros, estes navios armados com que tentavam expedições militares, correndo as costas de Portugal e Galliza, roubando, matando e incendiando. Mas ultimamente a sua audacia chegava ao auge, pelo que o bispo de Compostella mandou construir galés [3] e defender os portos, attrahindo e conservando os homens do norte nas costas da Galliza. Isto pelos annos de Christo 1116.

Estes estrangeiros, favorecidos pela separação de Portugal, formavam uma pequena povoação,

---

[1] Mon. Hist., tom. 1.º, pg. 9, col. 1.ª

[2] A. Herc., tom. 1.º, pg. 246.

[3] Hist. Compostellana, liv. 1.º, cap. 103, liv. 2.º, cap. 21.

a quem D. Affonso em recompensa dos serviços recebidos deu (como disse) o titulo de *couto*.

Bem lhes coube a nau por armas.

Mas para desvanecer todas as duvidas apresentarei o seguinte documento registado e authentico: [1]

«Alvará. Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem que os Mareantes da Villa de Vianna fóz do Lima me enviaram dizer por sua petição que a dita Villa desde o principio da sua fundação fôra sempre governada e regida por seus antepassados, que foram Mareantes, e que ora de poucos annos a esta parte se governava pelos homens de terra, sem os quererem admittir, nem lhes tomar seus votos, não havendo para isso causa nem razão alguma; do que se seguia os filhos dos ditos Mareantes [2] não quererem aprender nem usar do dito officio de seus paes, vendo que por essa causa eram tidos em menos conta, buscando outro genero de vida, e que não era do meu serviço, porque, entrando os ditos Mareantes no Regimento e gozando dos privilegios quando na dita villa florescia a navegação, e fazer-se-hião muitas náos e navios com que me pode servir, pedindo-me por mercê que houvesse respeito o *ser a dita villa fundada por Mareantes*, e andar n'elles ha muito tempo o governo d'ella, houvesse por bem que nas eleições dos officiaes, que cada anno se fazem, se votasse sobre elles como as outras pessoas da terra para haverem de entrar nos officios de Regimento d'ella; e saindo nas ditas eleições por officiaes os deixem servir nos officios para que foram eleitos. E havendo em respeito certos apontamentos que os ditos mareantes apresentaram contra os Snr.s Vereadores e outorgando a sua petição visto terem muitas náus e navios em meu reino, etc.: mando que os que

---

[1] Tombo dos Mareantes de 1616, n.º 15 a fol. 11-12, existente no cartorio da capella que o sr. José Antonio Guerreiro, seu thesoureiro, cuidadosamente tem ordenado.

[2] Mareantes — *mare euntes*, que vão ao mar.

tiverem uma náu sua ou navio proprio todo ou parte sejam admittidos a ser Vereadores os ditos Mareantes que forem casados e viverem limpamente. Lisbôa aos 10 de junho de 1568 — Balthasar Ferraz a fez — Rei D. João.»

A existencia dos normandos na provincia do Minho, diz um celebre auctor nosso[1], é attestado pela lenda de ferreiro de Veland e pelo glossario das palavras Scandinavas.

Merece especial menção sobre este curioso assumpto o livro de Mr. A. de Closset[2].

Ha um facto que vem confirmar a nossa opinião da origem normanda de Vianna. Quando Almanssor fez a ultima entrada n'estas terras, a vingança foi terrivel; e como não encontrasse na nova povoação de Povoança gente em quem cevasse o seu odio, não quiz deixar em pé a villa, assolando-a completamente[3].

Não desdisseram os Viannenses pelo tempo adiante as tradições de seus antepassados, pois foram os novos reis do mar.

---

[1] Sr. Theophilo Braga. Epop. da raça mosarabe, pg. 102 a 103; Mon. hist., tom. 1.º, pg. 9, col. 1.ª

[2] Histoire de la langue et Littérature provençales et de leur influence sur l'Espagne, ainsi qu'une partie de l'Italie, durant les XIe et XIIe siècles — Bruxelles, 1845 gr. in 8 br. — 5 fr.

[3] Antiguidades do Lethes, liv. 2.º, cap. 2.º, n.º 265.

MATRIZ

Concluida a obra de defeza, cuidaram os Viannenses de erigir um templo [1] dentro dos muros; não faltaram donativos, mas sendo insufficientes os particulares para conclusão do edificio, se pediu a el-rei (D. Pedro, regente na menoridade de D. Affonso v), que cedeu algumas rendas construindo a sacristia e uma das torres, onde se collocaram os sinos e as armas da villa em 1440.

D. Justo Balduino, Bispo de Ceuta, obteve licença do Papa Xisto IV em 26 de maio de 1483 para crear no novo templo uma collegiada de seis conegos, tendo um o titulo de arcipreste.

Passados annos, em 1538, o Cardeal D. Henrique, visitando a collegiada, lhe deu mais dois conegos.

Foi sómente durante a fabricação do novo templo que a egreja velha (Almas) serviu de Matriz, ficando-lhe por isso o nome de matriz Velha, e não porque fosse erecta n'ella a collegiada.

Esta egreja velha, ou de S. Salvador das Al-

---

[1] Principiou-se pelos annos de 1400, reinando D. João I, para a qual contribuiu (Machado Villas-Boas, idem).

mas, foi a primeira parochia que Vianna teve até se concluir o templo novo. Foi a parochia de S. Salvador *do Atrio* que se começou a chamar Vianna desde Affonso III [1], que engrandeceu a nova villa com terras que tirou á ordem de Malta, indemnisando esta com as terras de Tavora.

Primitivamente esteve esta parochia reunida a Sancta Maria da Vinha, e hoje está annexa á Matriz, ou freguezia de Sancta Maria Maior.

Tem a egreja da Matriz tres naves e dez arcos ogivaes, correspondendo-lhes outras tantas capellas.

A capella mór foi do Padroado Real, e depois de varias permutações veio a ser em 1514 do arcebispado de Braga; visitando-a o seu Arcebispo D. José de Menezes em 1695, e vendo-a em ruinas a mandou levantar de novo, obra que se rematou no tempo do seu successor, D. Rodrigo de Moura Telles.

As duas capellas das naves são á direita — a dos Mareantes e á esquerda — a dos Clerigos ou do Senhor dos Passos.

É a capella de Jesus dos Mareantes uma das

[1] Nova Malta Portugueza por José Anastacio de Figueiredo, tom. 2.º, pg. 203, nota.

mais antigas da cidade, e privativa dos homens do mar, que entraram na posse d'ella em 1506, como consta do seguinte documento:

«Em nome de Deus Amen. 1.º de maio de 1506, na dita villa de Viana de fóz do Lima dentro da Collegiada Egreja da mesma, estando ahi o honrado Alvaro Pereira, escudeiro fidalgo e juiz ordinario na dita Villa e seu Termo: Perante mim se reuniram Fernão Gonçalves e outros muitos mareantes e pescadores d'esta villa e arrabaldes, os quaes todos por si, etc. determinaram fazer uma capella acatada á Egreja, da banda do Aquilão a qual está começada, e que se digam varias missas na ermida de Santa Catharina, etc. Escudeiro Tabellião Pedro do Rego [1].»

Possuiam os Mareantes antes d'esta outra capella:

«El rei, Marquez de Castello Rodrigo do meu conselho e Capitão General no Reino de Portugal. Por parte da Confraria do nome de Jesus da villa de Viana me ha sido feita relação que se tomou a sua egreja, Parochia, e enterro dos mareantes, e ficou dentro do Castello que se fez na dita villa, e que mande a Alvaro Trancozo meu cavalleiro que fizesse o inventario e a avaliação dos ornamentos, retabulos e calices da dita egreja, ao tempo que ficou dentro do dito Castello, per pessoas de consciencia que o intendessem e m'o enviassem. O que fez, e veio a montar tudo 900 ducados; e que, havendo-se visto o dito inventario no meu Conselho de guerra, os mandei remetter no mez de Agosto do anno passado de 1601, e vos ordeno que de qualquer dinheiro mais prompto que houvesse, fizesseis pagar; e que por não haver tido effeito se lhes seguio grande damno.

Supplicando-me seja servido de mandar que se lhes pague a dita quantia d'aquillo que procedesse das condemnações que o Doutor Praza fizer n'aquella terra, por ser cousa da Egreja, e não ter onde se enterrar, do que *Hei* querido

[1] Cartorio dos Mareantes, titulo n.º 376.

advertir-vos, encarregar-vos e mandar-vos como o faço, pois que vêdes o que é justo o que por parte da dita confraria se me supplica, *Dei* ordem que se lhes dê satisfação, pagando-lhe o que justamente lhe devesse, á custa de multas e embargos que fizesse o dito doutor Praza e me pertencesse; que assim minha vontade. Dada em Ventosela a 19 d'outubro de 1610.

EU EL-REI (pelo proprio punho). Por mandado d'el-rei nosso senhor. *Estevão de Ibarra* [1].»

Começou a ser servida por provedores e escrivães em 1447, exercendo aquelle primeiro cargo Luiz Velho.

Concederam os reis a esta capella grandes privilegios, dos quaes os mais notaveis são: andarem armados (em caminho de seus barcos e pinaças de pesca) depois do sino corrido, carta de 16 d'outubro de 1530; os provedores da villa não lhes exigirem contas, 2 de maio de 1590; não darem casa nem cama a soldados, 7 de janeiro de 1612; nomearem um almotacé nos tres ultimos mezes de cada anno, andarem nos votos para vereadores, e muitos outros que seria longo enumerar.

Muitas questões houve por causa d'estas prerogativas, e varias vezes teve el-rei de intervir:

«D. João 3.º, por graça de Deus, etc., fazemos saber a «vós vereadores e procuradores do concelho da vossa villa «de Viana, que os mareantes e povos da villa nos enviaram

[1] Cart. dos Mar., tit. n.º 245.

«a agravar, dizendo: «terem elles antigamente uma capella «e confraria governada e administrada por elles sob o nome «do bom Jesus; e vós a quereis governar pela governação «geral da dita villa; vos pedem que lhes não seja tirada a «confraria visto serem elles os seus fundadores, *advertindo-«vos* que não bulaes com a dita confraria e deixeis livre-«mente governar cada um», mando que assim o cumpraes. «Lisboa 8 de julho de 1521 — Simão de Mattos a fez. Rei.»

Possue esta capella uma imagem do Senhor morto, trazida de Inglaterra por João Velho, em 1535, reinando o reformador Henrique VIII. Como constasse em Roma onde parava esta sancta reliquia, lhe concederam grandes indulgencias, como consta de uma Bulla passada por Rainuncio, Cardeal datario.

Gosava tambem esta irmandade do privilegio de expedir bullas [1] para fóra do reino, o que lhe trazia importantes quantias.

Protestaram os Mareantes no 1.º de junho de 1589 [2] por causa do novo caminho que seguia a Procissão de Corpus-Chirsti, dizendo-se a el-rei se elle lhes não usurpasse a Ermida (agora dentro do Castello), elles teriam visita da procissão, o que agora não acontecia; attendeu el-rei, mandando-lhes fazer a ermida de Sancta Catharina, terminada em 1604.

D. Antonio, perseguido por D. Philippe II, aco-

---

[1] Cart. dos Mar., tit. n.º 89.
[2] » » » » » 261.

lheu-se a Vianna onde embarcou para o extrangeiro, sendo favorecido n'esta empreza pelos mareantes e pescadores; constando a el-rei, se mandou levantar devassa (pelo juiz de fóra o Licenciado Martim Leitão, pelo escrivão João Casado Jacome e por Francisco da Costa), que foi feita a 4 de dezembro de 1580. Como d'este depoimento nada se podesse saber, mas d'elle resultasse damno ao credito dos Mareantes, pediram certidão de não culpabilidade, a qual se lhes passou. [1]

Todos os reis lhe guardaram seus privilegios, e até mesmo D. Philippe. N'estes ultimos seculos como o porto se obstruisse, a irmandade tambem se resentiu; e para vêr o valor que outr'ora tinha o seu porto, basta lembrar que encontrei uma provisão de D. Manuel dada em Valença do Minho a 19 de novembro de 1502, na qual se manda tomar um quintal no arrabalde defronte de Ponte do Lima, que media 30 covados de largo e 23 de ancho, terreno que se entremettia no Chão dos estalleiros que alli havia, pertencentes á villa de Vianna.[2]

O mesmo rei concedeu para commum uso dos navios de alto bordo os rocios e praias desde

---

[1] Tombo dos M. de 1616, pg. 16.
[2] » tit. n.º 246.

Gontim até Sancta Catharina; foi de novo confirmada esta concessão a 19 de julho de 1610.

Ultimamente a Senhora D. Maria II tomou a capella debaixo da sua real protecção e concedeu á irmandade fundar um hospital privativo dos Mareantes (homens do mar), o que ainda não se chegou a realisar.

Se acaso nos demoramos na historia d'esta capella mais do que parece convir, é porque o commercio e esplendor d'esta antiga villa, assim como a sua decadencia estão ligadas a esta confraria de homens do mar, que a tornaram rica e importante.

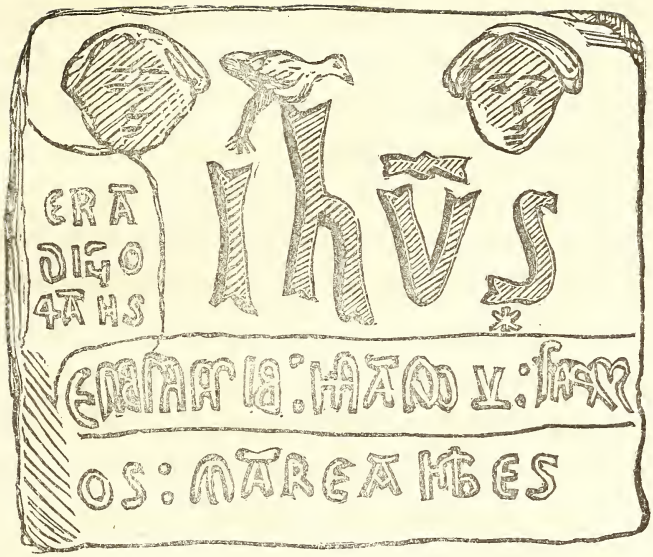
Na parede externa d'esta capella se encontra talvez o mais antigo monumento da cidade, a *lápide dos Mareantes,* redigida em portuguez incorrecto, mas significativa prova de rudes mas devotos marinheiros.

Eis o que diz:

«Ave Jesus e mae Maria — mandou fazer os mareantes.» «Era de 1404 an.s» [1]

É pois esta pedra anterior á fundação da actual capella; parece-nos que pertenceria á antiga, que ficou dentro do castello, e trazida

[1] Vide a gravura.



0,80

LÁPIDE DOS MAREANTES

para aqui no reinado de Philippe III, que como se viu, lhes usurpou de todo aquella capella.

Não menos notavel é a capella do Espirito Sancto ou irmandade de S. Pedro dos Clerigos de antiquissima origem, pois nos consta que fôra erecta na egreja de Sancta Maria de Vinha, na freguezia de Areosa (*Ara deosae*), e transferida depois para a Egreja Velha. Ahi residiu até se levantar o novo templo para o qual mudaram, depois de terem ajudado a fazer a parte esquerda do cruzeiro, que escolheram, por ter mais espaçosas sacristias que a defronte, que é dos Mareantes. Foi esta confraria a principio de seculares; mas depois tornou-se privativa dos sacerdotes viannenses. As casas annexas da capella foram concluidas em 1808. O padre João Castellão Pereira, que tão diligente foi nos negocios da sua terra, e que morreu a 3 de setembro de 1722, colleccionou n'um livro da irmandade todos os seus privilegios, sentenças, etc.

Está annexa a esta a irmandade do Senhor dos Passos, cuja procissão se faz no segundo domingo de quaresma.

Sobre este braço esquerdo do cruzeiro se abre

uma capella do Senhor da Cana Verde, que pertenceu á familia Brandão, notavel pelos dous capiteis feitos em 1547.

A capella do Sacramento é de excellente architectura e gosto moderno.

Merece tambem menção a capella manuelina, onde jazem Pedro Pinto o Velho, e sua mulher Brites Fernandes de Carvalho, instituidores do morgado da Carreira, hoje do conde de Camarido.

Concorreram as mais antigas familias e nobreza da villa para a conclusão do templo, comprando ahi seus tumulos, entre os quaes ainda se notam os dos Rochas, Cunhas, Britos, Brandões, Sousas, Fagundes, Bottos, Villas-Boas, Carvalhos, etc.

Apesar do aspecto vetusto do exterior do templo, o seu interior está perfeitamente conservado. O corpo do edificio é sustentado por dez amplos arcos ogivaes, aos quaes correspondem varias capellas, que sommam vinte altares, todos com bastante luz.

O frontespicio é de cantaria bem lavrada no estylo bysantino-romano: a porta principal abre-se sobre arcadas, sustentada por cariatides, representando os apostolos com as insignias do seu martyrio; o mais externo dos arcos é formado por mais de vinte anjos, tendo no meio o

Salvador com os braços abertos, mostrando as chagas; aos lados estão anjos com tubas e com rotulos:

«Surgete mortui; venite ad judicium.»

Duas torres de magnifica cantaria e coroadas de ameias terminam a fachada de pesada construcção; na torre da cidade, que fica ao norte, está o sino e relogio da camara, e um antigo monogramma [1] da cidade; a do sul, reedificada em 1873, conserva as armas de Affonso v.

Varios incendios tem soffrido a egreja, porém o mais terrivel foi o de 1656, que consumiu a principal sacristia, perdendo-se alfaias de subido valor.

CASTELLO, ALCAIDES E CONDES

Não esquecera o conde de Bolonha pôr em seguro a entrada do Lima, onde fundara a villa, dando-lhe por vigia uma forte torre, a que chamam *Roqueta,* concorrendo para a obra todo o povo; por esta razão e de se terem os viannenses compromettido em 1253 a levantar e defender os muros á sua custa, lhes concedeu el-rei, entre outros, o privilegio de dar a jurisdicção de capitão-

[1] Vide gravura.

mór e Alcaide da mesma villa e seu termo á camara, [1] para o vereador mais antigo que elegessem.

Conservaram todos os monarchas esta mercê, porém no reinado de D. João IV foi nomeado Alcaide e Capitão-mór Manuel Telles de Menezes [2]; queixou-se o Senado da villa d'esta usurpação, cassando-se aquella nomeação por carta passada em Lisboa a 18 de março de 1664. [3]

Do mesmo modo se oppoz á nomeação de Fernão Nunes Barreto, que tendo obtido de el-rei o despacho, brevemente lhe foi supprimido por Alvará de 12 de setembro de 1650. [4] E para prevenir qualquer violação futura chegaram a disputar esta regalia no juizo da Corôa, citando o Procurador. Exercia então este importante cargo o doutor Thomé Pinheiro da Veiga, que dando vista ao libello em vez de o contradizer, fez um brilhante discurso, elogiando os relevantes serviços da *notavel* [5] villa. Confirmou a Relação os dictos privilegios (mas condemnando

---

[1] Tombo da camara de Vianna, fol. 212 e 214.

[2] Era irmão do 1.º conde de Unhão.

[3] Livro dos Reg. da C. de V. do anno de 1641, fol. 111 verso.

[4] Tomb. da Cam., fol. 212.

[5] D. Sebastião por Alvará especial de 26 de março de 1563, lhe concedeu este titulo. Tom. da C., fol. 155.

os viannenses nas custas, por ser contra o procurador da Corôa); tem a sentença a data de 16 de dezembro de 1650.[1]

Em 1660 deixaram pacificamente o governador da Provincia tomar este privilegio, não querendo impedir a marcha regular dos negocios publicos.

O primeiro governador do castello eleito pela camara foi Balthasar Fagundes, que mandou collocar as suas armas na porta do castello, e lá estiveram até 1652, que D. Diogo de Lima as mandou substituir pelas suas na refórma, que mandou fazer na dicta porta. Foi em attenção aos serviços que prestou João Alvares Fagundes, Senhor do Banco da Terra Nova, descoberto por elle com gente nossa, que este seu descendente obteve tão elevado cargo. D. Manuel, visitando a villa e o castello da barra, mandou levantar no sitio da Roqueta uma alta torre guarnecida de artilheria, que defendesse a terra, a barra e a costa. Bem lhe sabiam o alcance os goletas de Argel e Tunis. Lá está a esphera das armas do Rei *venturoso,* esse symbolo das grandezas passadas.

Philippe II, em 1592, vendo a importancia que

---

[1] Tom. da Cam., 211 verso.

tomava o povo e a commodidade do sitio, mandou accrescentar e fechar o castello com muralhas e baluartes, tendo em volta um largo fosso para o tornar independente, caso necessario fosse.

Mas de nada isto lhe valeu na acclamação de D. João IV, pois que sitiado o castello, se viram os castelhanos obrigados a entregar-se, por cujo feito se despresou os auxilios extranhos, reservando para si toda a gloria. Era governador do castello, em 1640, Bernardino Polanco e Santilhena, que por se não fiar nos artilheiros portuguezes, mandou vir cinco de Hespanha.

Levantavam os viannenses contra o castello tres reductos, um na bocca da barra, outro na Ribeira, e ainda um outro juncto á capella de Nossa Senhora da Conceição.

Vendo-se seriamente atacados, tiveram os castelhanos de capitular a 20 de dezembro.[1] Agradeceu el-rei aos habitantes de Vianna pelo modo que se houveram na sua acclamação no Alvará do officio do escrivão dos orphãos.[2]

Com a restauração desappareceram da porta principal as armas de Castella, collocando-se as

---

[1] Liv. dos Reg. da Cam., fol. 20.—Vide Restauração de Portugal de Gregorio d'Almeida, cap. 9, pg. 308.

[2] Liv. dos Reg. da Cam. fol. 20.

de Portugal e as dos Limas, pois d'elles era o governador das armas, como consta da lapide que as entremeia:

«Fez esta obra no anno de 1652 até 1654, governando «as armas da Provincia de Entre Douro e Minho, Diogo de «Lima, nono [1] visconde de V. N. de Cerveira.»

Neste ultimo anno é que se construiu o baluarte de S. Pedro, voltado ao norte e o terrapleno do sul.

Foram estas as primeiras obras que a fazenda real mandou fazer á sua custa no castello; todas as anteriores tinham sido á custa da camara; por exemplo, correu o boato em 1567 (reinava D. Sebastião) que uma armada franceza queria saquear a villa, pelo que a camara ordenou se defendesse melhor o porto e se fizessem as obras convenientes; com effeito, no dia 8 de setembro de 1574, uns navios francezes tentaram forçar a entrada do rio, mas tiveram de retirar, não conseguindo o intento, e pagando caro o atrevimento.

Pôde conter o castello 3:000 soldados com quarteis, casa do governador, egreja, casa de armas, cisterna, carcere, paiol, etc., todas estas

[1] D. Diogo de Lima era 8.º visconde no dizer da Hist. Geneal. da Casa Real, tomo 12, pg. 121, § 20.

obras foram para o alojamento de D. Affonso VI, por ordem de el-rei D. Pedro II.

Em 1700, sendo governador das armas D. João de Sousa, se levantaram os rebelins exteriores; os ultimos melhoramentos são devidos ao general David Calder, em 1799.

Tinham os pescadores ao tempo da primeira obra de fortificação, levantado uma pequena egreja com a invocação de Sancta Catharina, na foz do rio, em cujo logar tinham sacerdote. Porém, pela obra que fez D. Philippe, ficou fechada pelos muros, inhabilitando os pescadores de lá irem a toda a vez e hora que quizessem.

Attendeu el-rei as queixas e lhes pagou o damno; mandando que esta egreja ficasse annexa ao castello, e tivesse por orago S. Thiago, patrono da Hespanha.

Não querendo privar além de tudo os pescadores da commodidade da egreja, lhes mandou construir outra sob o mesmo nome, fóra dos muros da fortaleza, no logar que hoje tem.

Ultimamente, nas luctas civis em 1846 e 1847, soffreu o castello um aturado sitio, repellindo com valentia as forças da Junta do Porto; facto este a que deve o cognome de Vianna do *Castello,* quando a Senhora D. Maria II elevou a villa a cidade.

Defendido por elle e no meio da barra está

o fortim, de planta semicircular, que póde jogar artilheria terrivel para o mar, sem receber damno, porque pouco se eleva acima do nivel das aguas.

Quando D. Affonso III deu o foral á villa disse:

«Dou-vos tudo quanto por direito tenho ou posso vir a ter na dita villa e seu termo para que não tenhaes outro Senhor senão a mim, minha mulher e filhos.»

Bem claro está o direito e mercê de ser realenga a villa de Vianna, todavia el-rei D. Fernando, postergando esse privilegio, fez conde de Vianna a D. Alvaro Pires de Castro, por carta dada em Santarem a 1 de julho da era de 1409 (1371).

D. Pedro de Menezes, filho de D. João Tello de Menezes foi 2.º conde de Vianna e 1.º de Villa Real.

Seu filho natural D. Duarte de Menezes teve a mesma mercê de D. Affonso V, em carta dada em Santarem a 6 de julho de 1460.[1]

Reclamaram os viannenses a el-rei, que lhes deu satisfação por carta de 6 de setembro de 1460[2], restringindo esta mercê só a vida do inclyto governador de Alcacer Ceguer e seu Alferes mór.

Não logrou muito tempo D. Duarte este titulo

---

[1] Hist. Geneal., tom. 3.º, pg. 25.—Vida de D. Duarte, Lisboa, 1627, liv. 5.º, pg. 138 verso.

[2] Tom. da Cam. de V., fol. 13 e 61.

pois só viveu mais quatro annos, morrendo valerosamente a 20 de janeiro de 1464, em Benacasu na Africa.[1]

Fiados na promessa, reclamaram logo os viannenses ao rei, que responde de Olivença a 15 de junho de 1464.[2]

Exigiram os viannenses que esta carta fosse passada em pergaminho com sello pendente:[3] o que se fez no Porto a 31 de dezembro de 1466.

N'estas petições distinguiu-se João Velho, que jaz na capella do Mareantes, onde teve o seguinte epitaphio em lettras goticas:

«Aqui jaz João Velho, o qual houve uma Provisão, por onde esta villa tornou a ser d'el-rei realenga.»

Pedro Couraças já em 1722 não pôde lêr as lettras do jazigo, tão apagadas estavam; hoje, do tumulo do famoso João Velho o Velho nenhum vestigio se encontra.

E ainda que alguns descendentes de D. Duarte arrogassem a si o titulo de condes de Vianna, todavia nunca esta lhes pagou a elles nem a D. Duarte cousa alguma.

Em tempos posteriores achamos na Hist. Ge-

---

[1] Vida de D. Duarte, pg. 193 — Hist. Geneal., tom. 5.º, pg. 398.

[2] Tomb. da C. de V. 14 e 59.

[3] Tombo supra cit.

neal. da Casa Real[1] que D. José de Menezes foi conde de Vianna por mercê de D. Pedro II (por o ter acompanhado na campanha da Beira), graça esta concedida por carta de 8 de fevereiro de 1692.

PRIVILEGIOS, ETC.

Deu D. Affonso III á villa um termo muito dilatado e rico, tal qual elle possuia, pois comprehendia Sancta Maria de Vinha, Carrêço, Meadella, Affife, Perre, Outeiro, Meixedo e Lanhezes. Concedeu que fosse *couto,* e que n'ella ou seu termo não entrasse Rico Homem (governador de provincia) nem suas justiças, e que em todas as causas fossem julgados por juizes eleitos por elles viannenses. Tiveram os nobres todos os privilegios, honras e liberdades dos Infanções[2]; honrando tambem os peões d'esta villa com o privilegio de Cavalleiros privilegiados, que é o mesmo que gosavam os das terras reguengas.[3] Aos maritimos isentou de pagarem portagem em todo o reino, e no seu porto não

---

[1] Tomo 5.º, pg. 288.

[2] M. de litt. A. R. Sc., tom. 7, pg. 216, nota 281: Mem. IV de A. C. do Amaral.

[3] Memorias de Litt. Port. da A. R. das Sc., tomo 7, pg. 176, nota 211.

pagassem dizima alguma, excepto dos objectos vindos de França, e terras berberescas; tambem a não pagavam do pescado, e tiveram livre a passagem do rio Lima. Impugnaram esta ultima isenção as justiças de Barcellos, porém não tinham rasão, eis as proprias palavras do Foral:

«Dou e concedo que o concelho de Vianna tenha a passagem do mesmo porto de Vianna de uma e outra parte do rio Lima.»

Em tempo de guerra só a terça parte dos homens da villa iam á fronteira, e ao fossado [1], o resto ficava em defesa da villa, capitaneados por quem elegiam.

Sempre foi seu alcaide e capitão-mór o vereador mais antigo eleito por elles, e isto uma só vez no anno.

Quando alguem se fazia vassallo de homem de Vianna, era defendido em todas as suas cousas pelo seu foral. Ninguem podia penhorar os maritimos; e a villa era asylo seguro de qualquer que a buscasse, sob pena de repôr a pessoa, e pagar todas as querellas que fizessem.

O licenciado Gaspar Louzada, reformador dos Padroados, relata os fóros e privilegios de Vianna,

---

[1] Memorias de Litt. Port. da A. R. dos Sc., tomo 7, pg. 168, nota 198.

fazendo-o a rogo dos vereadores de Vianna em 1625.

Do que referimos se vê que quando a povoação da foz do Lima teve o titulo de villa, não era logar pobre e só de homens do mar, como o diz o padre Martinho na sua Chronica de S. Antonio [1]; tinha já então moradores tão nobres, que mereceram a honra de Infanção de Portugal, excellencia que muitas villas notaveis não poderam conseguir.

Havia mercês especiaes para as pessoas que para aqui viessem: o que fez concorrer muitos cavalheiros e familias nobres que se installaram na villa e seus arredores, formando-se uma tão illustre povoação, que não houve appellido de familia illustre de Portugal que aqui se não achasse, como o refere Fr. Luiz de Sousa [2], e ainda hoje se póde verificar.

Violaram alguns monarchas estes privilegios.

Queixaram-se em 1510 os viannenses a D. Manuel de lhe serem quebrados seus fóros e regalias; mandou o rei que fosse ouvido João Alves, e que repozesse no Couto de Vianna a Fernão Gonçalves, que havia sido preso e levado para a

---

[1] N.º 126, pg. 111.

[2] Vida do arcebispo D. Fr. B. dos Martyres, liv. 1.º, fol. 46.

Feira, visto ter elle ido com licença do juiz d'aquella villa.

Prendeu o juiz de fóra Francisco Mendes a Diogo Vaz, homem nobre e morador n'esta villa, e não lhe querendo dar *homenagem* como sempre concederam os reis anteriores, D. Manuel mandou rever os privilegios da villa, e d'elles soube «que aquelles que andam nos pelouros das eleições de juizes, vereadores e procuradores não eram presos em ferros, mas sobre sua homenagem.»

O mesmo rei, esquecendo tudo o que enumeramos, mandou em certa occasião que os viannenses pagassem determinado tributo; estes incendiaram cinco embarcações que tinham no *cabedello,* querendo antes perder suas fazendas, que as regalias da sua terra. E não ficou aqui: pois que mandando D. Manuel a este porto duas embarcações carregar pão de biscouto para apresto d'uma armada, lh'as queimaram no rio Lima. Sentiu-se el-rei muito, mandando executar castigos e suspender todos os fóros. Metteu-se de permeio a senhora rainha Dona Leonor, e lhes perdoou passado algum tempo, lavrando novo decreto em 22 de maio de 1520, que confirmou as antigas regalias á villa.

Bem experimentou a fortaleza de seus muros o condestavel D. Nuno Alvares Pereira quando

em 1385 a attacou, por o seu alcaide Vasco ou Vaz Lourenço de Lyra, irmão de Lopo Gomes de Lyra, seguir o partido de D. Leonor.

Não sendo sufficiente a D. Nuno os soldados (400 de cavallo) que trazia, mandou ajuntar os dos contornos; só depois de recebido este soccorro e queimadas as portas e ferido gravemente por uma setta o seu alcaide, se renderam mas com honra os viannenses. Diz a chronica que toda a provincia felicitou a D. Nuno, vista a desesperada defeza que em Vianna achou. Debaixo de seus muros perdeu Nun'Alvares a Diogo Gil, seu alferes, o que lhe causou grande sentimento, e tambem teve morto um bom escudeiro Fernandes, o homem de maior corpo que então havia em todo o reino. [1]

CONVENTOS

S. Francisco

Entre os mais antigos mosteiros da villa e seus arrabaldes era contado o agreste retiro de S. Fran-

[1] Fr. Domingos Teixeira, Vida do Condestavel D. Nuno, liv. 3.º, pg. 248.— Chronica do Condestavel D. Nuno, cap. 43, pg. 140.

cisco do Monte, a 2 kil. da cidade, sobre a encosta do monte. Foi seu fundador o beato fr. Gonçalo Marinho, em 1392 [1], que morreu 8 annos depois, mandando-lhe gravar o tumulo D. Affonso, 1.º duque de Bragança, de quem foi intimo. Existia a sua sepultura na egreja, porém mudaram-a para o claustro, como nota o epitaphio.

O sitio d'esta casa é um dos mais aprazíveis d'estes contornos, e dos mais idoneos para o descanso do espirito [2].

Pela extincção das ordens religiosas tornou-se propriedade dos herdeiros do sr. Luiz Bravo de Abreu e Lima.

Sancto Antonio dos Capuchos

Sendo provincial d'esta ordem fr. Gaspar da Carnota, se lançou alicerces para o convento no 1.º de julho de 1612, juncto a uma capella do mesmo sancto.

Não faltaram donativos [3]: entre outros me-

---

[1] A chor. de Carvalho traz a data de 1398, mas é erro.

[2] Chr. da Real Prov. da Conceição portug , pg. 480, tomo II, diz que os religiosos se mudaram d'aqui para o novo mosteiro de Sancto Antonio a 28 de outubro de 1623.

[3] O Padroado da casa do Capitulo foi concedido a Justa

rece lembrar que Antonio Martins da Costa deu 6:000 cruzados para obra, além de comprar para si a capella-mór; não ficou atraz a camara, que permittiu tomar os baldios necessarios, e lhe concedeu por provisão d'el-rei 30$000 réis annuaes; pelo que os dictos religiosos, reconhecidos, tomaram sobre si metade dos sermões da collegiada.

Era uma das melhores casas da ordem, e sendo provincial Antonio de Sancto Agostinho, foi casa capitular e cabeça da provincia.

Hoje é hospital militar, e sua cêrca cemiterio publico.

Maciel e seu marido Martim Velho Barreto a 18 de agosto de 1636. Ahi têm sepultura com o brazão esquartelado Regos, Velhos e Barretos.

Em capitulo de 15 de dezembro de 1734 foram concedidas mais tres sepulturas no claustro aos descendentes d'aquelles dois bemfeitores.

Da egreja d'este convento sahiu a celebrada procissão dos nús para o real convento dos Conegos Regrantes no dia 16 de janeiro de 1757. Sobre os factos relativos a este convento e a S. Francisco póde-se consultar a curiosa chronica da Real Provincia da Conceição em Portugal, 2 vol., por fr. Pedro de Jesus Maria José, Lisboa, 1760.

Carmo

O quarto convento de religiosos que possuiu Vianna foi o dos Carmelitas descalços, fundado em 16 de julho de 1621, nas casas dos Mendonças. Concluiu-se a obra em 1625, mas a torre e o adro só em 1712.

Com grande custo e trabalho conduziram estes religiosos a agua, que nasce no monte, perto da capella de Sancto André.

Actualmente a cêrca [1] e agua são propriedades do visconde de Porto Côvo da Bandeira e o convento asylo de mendicidade.

S. Bento

Existia juncto ao Lima uma ermida d'este sancto, feita pelo ermitão Jeronymo em 1502, e nella foi sepultado em 1538. Foi ahi que se resolveu fazer um mosteiro de senhoras viannenses a 28 de abril de 1545, sendo trinta e sete os instituidores, e cincoenta o numero de religiosas, como diz fr. Leão na sua Benedictina. Sua 1.ª abbadeça foi Madre Soror D. Izabel de

[1] Grande parte foi expropriada pela ponte do caminho de ferro.

Mello, que veio do convento de Victorino das Donas. Em 1710 foi quasi todo reedificado, fazendo-se um mirante para o lado da villa, pelo que teve de retirar o cruzeiro alli mandado fabricar pela madre abbadeça D. Natalia de Jesus, em 1647, como se lê no mesmo cruzeiro. Trasladaram então para a egreja do convento fr. Jeronymo, onde jaz ao pé da porta.

Este edificio, de instituição particular, é um dos poucos que possue religiosas; seus muros, banhados pelo Lima, são agora d'elle separados por um grande largo que se tracta de entulhar. É limitado actualmente pelas duas pontes.

Sant'Anna

Em 1380 havia-se construido um recolhimento de mulheres nobres, viuvas e donzellas, que em 1510 tinha tomado tal prosperidade, que a camara e nobreza resolveram fundar ahi um convento á sua custa. Reconhecidas a religiosas, se obrigaram a não receberem noviças sem licença da camara. Houve porém uma abbadeça, D. Margarida de Sousa, que se negou a esta obediencia, mas queixando-se o senado a el-rei D. Manuel, D. Margarida foi á côrte, e de tal modo supplicou a el-rei, que este não só orde-

nou a reintegração do cargo, mas as tomou sob sua real protecção, mandando-lhe construir de seu dinheiro a torre.

Por este acto se tractavam estas religiosas como realengas, mandando até collocar a esphera do monarcha em seus muros.

Uniu-lhes o dicto rei por bullas apostolicas os mosteiros de Leivos e Valbôa, no alto Minho; por cuja causa as freiras de Sanct'Anna largaram o habito de S. Francisco e tomaram o Benedictino.

Posteriormente fizeram-lhe grandes obras, e conserva ainda alguma recolhidas nobres, que buscam o seu asylo.

Cruzios

Os conegos regrantes de Sancto Agostinho edificaram com a grandeza costumada o mosteiro de S. Theotonio, seu 1.º prior. Concedeu-lhes a camara um logar bem apropriado a tal obra, sitio delicioso, eminente á cidade, e assás espaçoso. O geral fr. Jeronymo da Cruz convidou o arcebispo D. Rodrigo da Cunha para lançar a primeira pedra, o que teve logar a 5 de agosto de 1630.

Começou a obra tão gigantesca; não só a

casa, mas a egreja, que, sendo muito inferiores as rendas provenientes de tres pequenos mosteiros, S. Simão da Junqueira, Sancta Maria da Muia, e S. Martinho de Crasto, ficou quasi em alicerces [1].

O convento e a egreja eram obra tão grandiosa principalmente esta, que na vastidão de planta e de altura recordava-nos as ruinas collossaes dos imperios asiaticos de outr'ora, como Baalbeck e Palmyra ou Tadmor!

S. Domingos

Quasi nos parece ocioso tractar de um convento que tantos e tão afamados escriptores tem descripto, mas aqui sómente relatamos as datas da fundação, porque todo o resto nos fornece fr. Luiz de Sousa [2].

---

[1] Foi demolido o magnifico convento em agosto de 1877, para largo da estação do caminho de ferro.

Sobre as festas na recepção da reliquia de S. Theotonio e procissão dos nús, vide a Chr. da R. Pr. Conceição no tomo II, pg. 400, e a *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho por D. Nicolau de Sancta Maria*, Lisboa, 1768.

[2] Em 1619 foi de Coimbra Nicolau Carvalho imprimir a Vianna, por conta do Senado da Camara a primeira edição da Vida de D. fr. Bartholomeu dos Martyres. Sr. Martins de Carvalho, *Apont. da Hist. Contemp.*, pg. 294.

Abriram-se seus alicerces em 1562, no começo da rua das Rosas, sendo Provincial o padre fr. Jeronymo d'Azambuja; mas como não agradasse o sitio, se transferiu onde está hoje, no cimo d'Altamira a 22 de janeiro 1566. O mosteiro de S. Salvador da Torre foi-lhe annexo pelo seu fundador e Padroeiro (D. fr. Bartholomeu dos Martyres), que n'elle viveu oito annos até morrer, o que teve logar a 16 de julho de 1590 entre as sete e oito horas da tarde, dizendo em seus ultimos momentos «*que levava Vianna dentro de sua alma.*»

O convento foi accommodado ás repartições publicas; a egreja, terminada em 1576, serve de parochia, ha poucos annos, e a sua cêrca é propriedade particular.

Na capella-mór, lado do Evangelho, jaz o seu Sancto fundador em tumulo de marmore de varias côres.[1]

S. Thiago

Este recolhimento de S. Thiago é tão antigo que não nos foi possivel ter noticia do mez e

[1] Este tumulo foi aberto em 19 de junho de 1877 poucos dias antes da visita do arcebispo a esta cidade. A lápide tem a data da sua morte alterada, pois em vez de 1500, deve ser 1590.

anno da sua instituição; todavia sabemos que fôra convento de religiosas de S. Francisco, annexas ao convento de S. Francisco do Monte, que sahiam a peditorio. Mas como se determinou depois clausura ás religiosas, umas foram para Sancta Anna de Villa do Conde, outras tomaram o habito de S. Bento; e mesmo algumas ficaram recolhidas, sob a protecção da Misericordia, que ainda as soccorre com o necessario.

Suzana Brava deixou-lhe um legado sob administração da Sancta Casa, e constando a D. João IV a sua pobreza, tomou-o sob sua protecção a 11 de dezembro de 1662, concedendo-lhe varios privilegios. Existe na camara um alvará d'este monarcha, de 8 de maio de 1663, recommendando que perseguissem quem lhes devassasse a clausura.

As recolhidas entram com licença da Misericordia, que entretem todo o recolhimento, prestando contas annuaes.

Carmelitas

Esta casa é uma das mais modernas que as ordens religiosas possuiam n'esta cidade, tendo por fundador e dotador ao dr. Caetano Correia Seixas, lente de Canones em Coimbra, que mor-

reu em 1786. D'esta ultima cidade vieram para a fundação d'este convento do Desterro de Jesus Maria José, de Carmelitas descalças, as madres Maria Ignacia, Maria Luiza, Francisca Maria, Josepha Thereza e Joaquina Barbosa, que chegaram aqui sete dias depois de sua partida a 17 de outubro de 1780.

Durante a edificação do seu retiro hospedaram-se no largo de Sancto Homem Bom, nas casas hoje do sr. Guerner, que tem o numero 49.

A 19 de junho de 1785, como estivesse o seu convento, no fim da rua da Bandeira, capaz de as alojar, seguiram processionalmente para elle. Todavia a egreja ainda não existia, fazia as suas vezes a sachristia que hoje está da parte de fóra; e a interior servia de côro.

A egreja e portão foram concluidas ainda n'este seculo.

Possue o convento actualmente oito religiosas das vinte e quatro que tem esta cidade, assim divididas: duas e uma leiga nas Chagas; nove em Sant'Anna; e cinco em S. Bento.

Ursulinas

Na vertente do monte, sobranceiro á cidade,

está este convento das Chagas, tambem de recente instituição.

A veneravel Izabel de S. Francisco foi fundadora em 1740 do Recolhimento dos SS. Martyres viannenses (Theophilo Saturnino e Rovocata, que aqui se veneram a 6 de fevereiro), cuja capella data de 1726, havendo dissenção de jurisdicção entre os Parochos d'Ariosa e Monserrate, vencendo este ultimo.

Em 1778 algumas devotas se acolheram a este sitio e formaram o recolhimento dos SS. Martyres de Religiosas de Ursulinas, com aulas externas e pensionistas; sendo em 1803 a 1804 expulsas pela camara, se queixaram ao arcebispo D. Fr. Caetano, que arranjou bulla apostolica para fundarem um convento, vindo do collegio de Pereira (Coimbra) algumas religiosas. Algumas d'estas foram de preposito a Braga por causa da fundação; e tres das fundadoras ainda as conheceu a sr.ª madre abbadeça D. Thereza, a qual hoje dirige este casa de educação, que teve grande fama em todo o paiz, e ainda conserva algumas educandas.

Magnifica é a situação d'esta casa, pois em geral morrem as religiosas centenarias; recolhido das vistas, gosa todavia de panorama extenso, e saudavel logar.

O convento ainda está por concluir, e estende-se em amplo corredor parallelo á egreja, que é pequena, mas com um bello frontespicio. N'ella se festeja em agosto o doutor da egreja S. Agostinho, seu patrono.

EGREJAS, ETC.

Além das dez egrejas mencionadas e das duas da Ordem Terceira de S. Domingos e S. Francisco, ainda faltam mencionar tres:

Agonia

Esta bonita e bem situada egreja foi principiada em 1752 e terminada tres annos depois, sendo a sua capella-mór feita á custa de Bento José Alves, d'esta cidade, mas residente em Lisboa. Tem prosperado esta irmandade: em 1868 levantou-se a alta e bella torre que domina o campo do Castello, onde se faz a feira annual nos dias 18, 19 e 20 de agosto, que ordinariamente dura até setembro; é a melhor feira franca da provincia do Minho.

Está a torre bem rematada semelha-se a um minarete; por causa da sua elevação, tem pararaios.

Em 1873 accrescentaram a egreja, deformando o risco primitivo, que tão elegante era.

Monserrate

Foi construido este templo em 1601, e tão bom ficou, que, visitando-o o arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça em 1621, o instituiu em parochia, sem aggravo da irmandade da dicta egreja.

Possue capella do Sacramento e alguns quadros a oleo, dos quaes os melhores desappareceram. Pelo correr do tempo, arruinando-se, transferiram a parochia, para a egreja do convento de Sancta Cruz, vulgo S. Domingos, mas sob a antiga denominação de Nossa Senhora de Monserrate.

Ha pouco foi restaurado o templo á custa da confraria que o possue, creio sob o nome de Coração de Jesus ou Irmãs de Maria.

Almas

A Matriz Velha ou S. Salvador das Almas, foi a primeira parochia que Vianna teve, até se fazer dentro dos muros o templo novo. Cahia em ruinas em 1719, e o seu Cura, o doutor

Domingos de Campos Soares a reedificou. N'ella ha uma irmandade, instituida em 1620, e com estatutos de 1632: é a de Nossa Senhora da Guia.

Primitivamente esteve reunida a Sancta Maria de Vinha, e hoje está annexa á Matriz. Sua historia acha-se exposta na sacristia n'um quadro impresso. No adro abundam campas e sepulturas razas.

Capellas

Numerosas eram as capellas e ermidas da cidade, porém d'ellas só restam hoje:

Nossa Senhora das Candeias, da Conceição, S. Roque e S. Vicente do meiado do seculo XVI e Nossa Senhora do Resgate e Victoria do fim do seculo XVII.

Das extinctas onze me lembram:

Sancta Clara, Nossa Senhora da Piedade, Penha de França, S. Sebastião, Nossa Senhora da Soledade (Via Sacra, hoje casa Figueiredo), Annunciada, Reis Magos, S. Crespim, Assumpção, S. Mamede e Espirito Sancto.

No refeitorio dos Cruzios foi erecta em 1682 a irmandade de Nossa Senhora dos Remedios, cuja bella imagem existe agora na egreja de Monserrate.

Sancta Casa da Misericordia

Sua instituição data do anno de 1520, mas só dois annos depois é que começa a série de seus provedores, precedendo-os Gonçalo Rodrigues Cavalleiro.

Na provedoria de João Jacome de Lima fizeram-se as varandas sobre a praça; obra que deu logar a contendas com a casa fronteira de Martinho Quezado Jacome, denominada do *pateo,* hoje demolida para o alargamento da rua da Carreira.

Por fim venceu o pleito o provedor, mas para vingança das offensas dos Quezados e seus parentes, mandou gravar na porta principal da egreja, aos pés da Virgem, este letreiro: — *Da mihi virtutem contra hostes tuos.*

Como a egreja estivesse em ruina, por ser de antiquissima data, se mandou demolir em 1714, sendo provedor Guilherme Rubin Ferreira. Fez o plano da nova egreja o coronel de engenharia Manuel Pinto de Villa-Lobos, mas como fosse diminuta a renda, concederam os viannenses os 20:000 cruzados, que D. Pedro II pedira emprestados para conclusão da praça de Monsão [1],

[1] Em 1659, no reinado de D. Affonso VI, Filippe IV para se vingar do sitio de Badajoz tomou Monsão, áquem Minho. *Ignacio Barbosa Machado, Factos de Lus.*, pg. 459.

governando as armas da provincia o conde de Atalaia, D. Luiz Manuel. Foram emprestados em 1704 e só se pagaram em 1719, por ordem do sr. D. João v.

Em tres annos, e com este rendimento, se fez obra perfeita. Durante as obras viveram junctos os irmãos da Misericordia e os sacerdotes do Espirito Sancto, mas 1722 se separaram, como consta da escriptura existente no archivo dos Clerigos.

Sustenta esta sancta casa, além do hospital annexo, o recolhimento de S. Thiago, á qual deu estatutos; o hospital velho de S. Salvador, *hoje extincto* [1], pertencente ao sr. Gaspar da Rocha Paes; extraordinariamente dá a alimentação aos presos da cadeia, e medico, remedios e mortalha aos pobres.

Na actualidade o hospital tem recebido melhoramentos importantes, segundo os meios de que póde dispôr.

Foi reformado o primeiro andar com enfermarias novas, cosinha, sala de recepção, além da reparação da egreja, varandas, cosinha, entrada, etc.

Possue a casa novamente gabinete para operações e marmore para autopsias.

---

[1] Fundado em 1468 por João Paes.

A receita no penultimo anno economico foi de réis 4:340$735. A despeza de 4:048$474 réis.

Merece menção a varanda d'este edificio, unica no estylo, concluida em 1589, que deveria fechar o templo se o espaço o permittisse; consta de dois andares de cantaria, sustentados por cariatides, e terminados em frontão, tendo no apice um crucifixio e nos acroterios a Virgem e a Magdalena. É amplo o templo, e bem concluido.

Teve esta irmandade grandes demandas com os Mareantes, por causa da campainha com que iam a seus enterros e de carregarem suas tumbas aos hombros, allegando os Mareantes que gozavam d'estes privilegios visto serem mais antigos. Por sentença se resolveu que estes iriam sem campainha e levariam seus leitos á mão. Em 1638 se fez uma convenção entre estas duas irmandades, sobre a admissão de Mareantes n'esta irmandade e vice-versa, e de cuja infracção se pagaria de multa 80$000 réis.

EDIFICIOS PUBLICOS, ETC.

Na rua de S. Sebastião, n.º 142, esquina da rua das Vaccas, existe um grande edificio, que foi *Védoria,* e hoje é da companhia de veteranos; esta construcção, do reinado de D. Pedro, foi mandada fazer em 1690, sendo governador das armas D. João de Sousa, e por isso estão suas armas na porta principal. Estas mesmas se encontram no revelim á entrada do Castello.

Parece-nos que foi n'este governo que se reconstruiu o forte do *Porto de Vinha,* a 3 kilometros a O., e onde se diz fôra o primeiro porto d'estes sitios.

O *quartel* de infanteria, na rua das Rosas, defronte de Nossa Senhora de Monserrate, foi construido em 1790, governando as armas da provincia David Calder, então marechal de campo. É um dos melhores edificios d'este genero, amplo e com todas as commodidades que para tal fim se requerem.

A casa intitulada do *Assento,* á Portella, era da familia (hoje extincta) Pinto Brochado, a qual como fosse devedora á fazenda nacional, esta reclamou uma parte de seus bens, sendo a outra vendida em 1792 pelo testamenteiro de D. The-

reza Feliciana Pinto Brochado, o padre Antonio José de Figueiredo, a Gonçalo de Barros Lima, para construir a casa que terminou em 1808. N'esta epocha já a *casa do Assento* era padaria militar.

A *cadeia,* que termina pelo nascente a casa da camara é obra posterior a esta [1], e feita, sendo superintendente da comarca o corregedor Manuel Mexia Galvão, em 1698.

A *alfandega* é construcção do seculo passado (D. João v), mas está incompleta: seu armazem parece-nos mais antigo, segundo indicam as armas reaes da porta, é do reinado de D. Pedro II.

O logar de juiz (hoje director) da alfandega e o de escrivão foram exercidos pelos homens mais distinctos d'esta terra.

Em 1695 foi syndicada por ordem superior esta alfandega e suas delegações (Buarcos, Espozende e Caminha), para o que veio do Porto, a 26 de setembro do dicto anno, o desembargador Bento de Barros Bezerra.

Rendeu no anno economico de 1875-1876 — 186:905$606 réis.

---

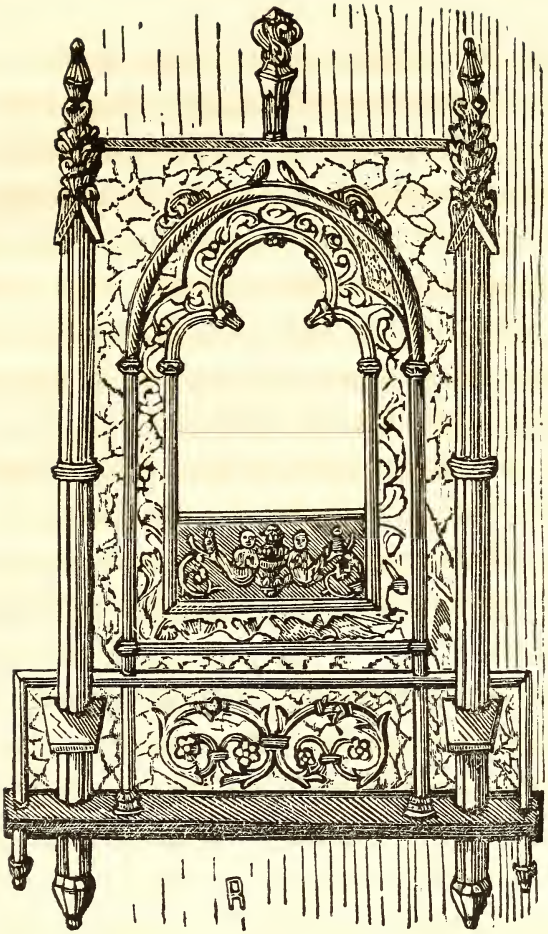
[1] D. Manuel mandou fazer o edificio da camara no Campo do Forno para onde se mudou em 1502; até alli estava na Ribeira.

Além dos edificios publicos, alguns particulares ha que merecem menção, taes como o palacio dos Tavoras, hoje Abreus e Lima, na rua da Carreira; a casa e a excellente capella dos Malheiros Reimões, ao cimo da rua 8 de Maio; o palacete, que pertenceu a Luiz do Rego, na praça de D. Fernando; o do sr. Balthasar Werneck, na Carreira; e a casa de campo, Figueiredo da Guerra, á cancella de Ariosa.

Não devemos esquecer que a maior parte das construcções da cidade são modernas e confortaveis, pertencendo a viannenses que adquiriram fortuna no Brazil, para onde ha uma constante emigração.

Chamam a attenção, por sua antiguidade, a casa dos Rochas Ribeiros Cyrnes, na rua da Bandeira, a de Pero Gallego, na viella da Parenta, a dos Costas Barros, na rua de S. Pedro, e a dos Regos Barretos, na rua de S. Sebastião.

Abundavam na cidade os chafarizes, porém ultimamente tem-lhes feito uma guerra terrivel, escapando todavia o mais notavel que é da Praça da Rainha (antigo Campo do Forno), que fica em frente da Camara. N'elle está gravada a data de 1554.



JANELLA MANUELINA

(Rua de S. Pedro)

PORTO, CAES E PONTES

O rio Lima nasce na serra de S. Mamede, ao pé de Guinzo, na Galliza; o seu curso é de 110 kilometros, dos quaes 58 são em Portugal, onde entra acima de Lindoso; banha Ponte da Barca, Ponte do Lima e Vianna do Castello juncto á sua foz; começando a ser navegavel em Ponte da Barca por espaço de 37 kilometros [1].

O porto de Vianna é formado pela foz do rio Lima, a qual tem 90 metros de largura, em baixa mar, entre o Bugio na ponta do paredão do N., e o Cabello, ou ponta do S., e 300 metros em preamar. A barra abre ao SO., e tem de profundidadé $3^m,1$ a $3^m,3$ nos maiores baixamares. Da ponta do N. sáe uma rastinga de pedras, que obriga o canal, e na qual ha duas estreitas passagens a que chamam as *Portas*.

O estabelecimento do porto [2], no fortim, é ás 2^h 25′. Unidade de altura $1^m,63$. Amplitude maxima $3^m,7$; minima $0^m,76$.

Latitude 41°,42′0. Longitude 0°,17′9″ E. (meridiano de Lisboa).

---

[1] Geogr. Geral de Port. do sr. Pery, pg. 7 e 18.

[2] É o atraso da praiamar relativamente á passagem da lua no meridiano, no dia de lua nova ou lua cheia do equinocio. Ás vezes entre dois portos visinhos varia muito.

A velocidade da corrente é

		Milhas
Enchente	Aguas vivas	0,24
	» mortas	0,23
Vazante	Aguas vivas	1,33
	» mortas	0,90

N'este porto ha uma estação electro-semaphorica, establecida no terrapleno da Roqueta.

Do antigo e florescente porto [1], de que nos falla Fr. Luiz de Sousa, restam-nos apenas a tradição. O dique ou barra construida até ao Bugio [2], em 1859, pouco melhorou a passagem, pois que o affluxo das areias mudou para o sul, sem que ninguem tente oppôr-se a esta obstrucção da barra, e abriu de novo o caminho de progresso e riqueza para a cidade.

A doka, que se anda construindo e aprofundando, parece-nos um trabalho inutil, e antes um sorvedouro de dinheiro, sem proveito nem utilidade. Melhor fôra canalisar o rio entre dois

---

[1] Em 1600 tinha no mar setenta navios. Hoje terá uns tres navios de vella de alto bordo, sete costeiros e perto de setenta barcos de pesca. Annualmente frequentam o seu porto cento e quarenta e seis navios dos quaes: nacionaes 100, inglezes 40, diversas nacionalidades 6.

[2] Pyramide que marca a entrada da barra.

extensos caes desde a ponte do caminho de ferro e formar um ancoradouro seguro no cabedello.

Causavam nos invernos as correntes do Lima algumas inundações na villa e arrebaldes; querendo-se obstar a ellas e proteger a povoação se construiu um caes de pedra, obra que teve principio em 1440. Principiava elle no convento de S. Bento e tinha de terminar no fortim da barra; mas estava bem longe de ser o magestoso passeio, que é privilegio d'esta cidade: era um caes estreito e sinuoso de que não restam vestigios, porque a moderna construcção entrou mais no leito do rio, fazendo-o desapparecer.

D. Philippe, em 1630, concedeu por Alvará de 26 de maio para as obras do caes os 1:500 cruzados, excessos de sizas.

D. Pedro II, querendo dotar a villa com mais largueza, mandou construir um ancoradouro no Cabedello, além Lima, onde estivessem surtos em maior profundidade os navios, que visitassem este porto.

Sendo a despeza grande se lançou finta nos estados do Brazil, que é os que mais interesse tinham. Veio para dirigir a obra o coronel de engenheiros Miguel Lescol, chefe dos trabalhos no Minho.

D. João V continuou esta obra, concedendo

aos viannenses que o imposto da entrada e saída das fazendas no mesmo porto, fosse applicada para ellas. Ao francez Miguel Lescol succedeu, em 1712, o seu patricio João Thomaz.

Imperfeita foi na verdade a construcção do caes, pelas interrupções e variedade de riscos; n'estes ultimos vinte annos tem-se olhado seriamente para este melhoramento, que se deve agora melhor que em qualquer outra occasião concluir até á nova ponte, e alinhar todo o resto até ao Castello.

A actual ponte de madeira data de 1819 e foi feita sob a direcção de Antonio Fernando Araujo de Azevedo, mas não abraça todo o rio: termina na capella de S. Lourenço, que está meio do rio, e se liga com a margem esquerda por um pessimo caes de pedra.

A nova ponte de ferro com dois tabolleiros, é construcção da casa Eiffel de Paris: é a unica d'este systema em Portugal.

Está um pouco mais acima da outra que deve substituir; tem sómente nove pilares, estreitando consideravelmente o rio.

Em 1459 pediram os viannenses a el-rei, nas côrtes de Lisboa, licença para tomarem qualquer

náu que se achasse na sua barra, quando como inimigo a infestasse, como succedia com os Bretões e Francezes. Vide a carta de petição a el-rei que vem na Hist. Geneal., tomo 5.º, pg. 73, pela qual D. Affonso v lhes fez dar a parte que lhe tocava das presas que tomassem. Com isto os animou nas emprezas contra os corsarios, com que se enriqueceram a si e seus descendentes [1].

Grande valor mostraram no mar os viannenses: um d'elles Pedro ou Pero Gallego, em 1546 [2], com alguns amigos e marinheiros seus embarcaram n'uma caravella, e durante dois annos fizeram de atrevidos piratas, assolando os mares que até

[1] Todos os nobres de Vianna exercitavam a mercancia como os de Veneza e Genova, contra o costume das demais terras do reino, que os louvavam mas não imitavam. O convento de S. Bento foi fundado esclusivamente para suas irmãs e filhas.

[2] N'uma escriptura de 3 de junho da era de 1570, na fundação do convento de S. Anna, apparece como mestre da obra Pero Gallego. Tomb. da C. de V., folh. 171. No tomo III da Bibl. Lus. pg. 583 menciona-se tambem um outro Pero Gallego ou fr. Pedro, natural de Portel, que militou voluntariamente na Africa durante vinte e quatro annos. Diz ser eximio cavalleiro e dextro nas armas. Professou na ordem de S. Gabriel de Castella, e depois de religioso publicou um livro sobre gineta, que offereceu ao Principe D. João, depois IV de Portugal. Creio que ha aqui confusão.

então tremiam sob o crescente de Marrocos e Tunis. Havia mezes que andavam devassando as costas do Mediterraneo, quando uma tempestade os obrigou a demandar a bahia de Cadiz. Ignorando ou melhor fingindo ignorar o estylo da marinha não saüdaram a armada hespanhola do Conde D. Pedro Navarro, que alli se achava. Quiz o almirante castelhano castigar a descortezia do extrangeiro, mas este lhe responde com os seus quatro canhões, mettendo a pique alguns dos seus vasos, depois de os dispersar e ferir o proprio D. Pedro.

Recolheu-se em seguida Pero Gallego á sua patria[1], sem soffrer o menor castigo, apesar das explicações pedidas por Carlos v ao nosso D. João iii, que conhecia o nosso heroe e seus serviços, pelo que addiou o castigo até se esquecer o caso.

Soccorreram os viannenses a Bahia em 1624 quando os inglezes a tomaram, e o auxilio que d'este reino foi, era todo d'esta villa, que á profia se armou.

De D. João iv encontramos uma carta do seu conselho de guerra de 10 de outubro de 1646

---

[1] Anno historico, tomo i, pg. 287, 3 de março.— *Fr. Homem, Disposições das armas castelhanas,* cap. 8.

agradecendo á Camara de Vianna a recuperação das caravellas [1].

Nunca cessaram os viannenses de auxiliar a nação nas suas crises, como o achei em muitos documentos, alvarás e recibos da Fazenda e Thesouro.

Em 1807, quando a familia real deixou o reino refugiando-se no Brazil, o desembargador Gonçalo de Barros Lima, natural de Vianna, auxiliou com seus navios [2] a sua fuga e soccorreu o governo com emprestimos, de que nunca recebeu embolso: cousa que não lamentou, pois tivera só em vista contribuir para a liberdade da sua patria, tendo ao depois tambem a dita de salvar do saque dos francezes a sua terra; facto este que a gentalha pagou assaltando-lhe a casa, destruindo-lhe o magnifico jardim e alcunhando-o de Jacobino!

---

[1] Livro dos Reg. da C. de V. de 1641, folh. 220 verso.

[2] Com os quaes commerciavam em atanagens com Hamburgo, Riga e com os portos do Brazil.

HOMENS NOTAVEIS

Distinguiram-se na verdade muitos os seus naturaes, e seria longo enumeral-os todos: alguns nos recordam.

João Casado Maciel acompanhou D. Vasco da Gama, com navio á sua custa, e foi com D. Estevam da Gama ao Mar Roxo, ajudar a queimar as galés do Grão-Turco, sendo armado cavalleiro pelo proprio D. Vasco no monte Sinai, como o refere Diogo do Couto.

Antonio Ribeiro Cyrne, filho de João o Velho, e de D. Helena Cyrne, militou na India, no tempo de D. João III; tendo a infelicidade de ser captivo, e levado a Java, resistiu ás promessas vantajosas que lhe fez o Regulo, preferindo morrer martyrisado.

Matheus Ferreira Villas-boas obrou prodigios de valor na Bahia contra os hollandezes em 1638, e depois na Hespanha, onde ficou prisioneiro em 1641; conseguindo escapar, depois de quatro annos de galés, foi reintegrado na patente em 4 de agosto de 1649, onde se referem seus feitos.

Pedro Barbosa[1], desembargador e lente de

[1] Bibl. Lus., tomo III, pg. 560-561.

prima jubilado, entrou na reforma das Ordenações Philipinas. Nasceu na praça da Rainha, nas casas hoje de João Malheiro Sousa Menezes, n.os 56 a 62. Sua irmã, D. Genébra Barbosa, casou com o dr. Miguel Jacome de Lima, desembargador dos aggravos e grande letrado. Julgo ser este o fundador da casa defronte da Matriz, esquina da rua do Pôço, onde nasceu seu filho, o traidor de 1640, Miguel de Vasconcellos, então secretario d'estado.

O dr. Marçal Quezado Jacome [1], cognominado o *grande orador,* foi auctor das — *Donationibus Regiis* — publicadas por Manuel Antunes de Portugal, e lente de prima em leis. Casou com D. Felicitas de Figueiredo, que jaz ella e seus filhos na egreja de S. Bento, em Coimbra; e depois de viuvo, foi bispo de Portalegre. Retinha de memoria todo o direito da epocha. Morreu em Lisboa em 1656 e jaz no convento de S. Bento dos Negros.

Seu irmão, o dr. Jacome de Villas-boas Quezado, ouvidor em Braga e colleccionador de antiguidades, fez o epitaphio do jazigo de Dr. Fr. Bartholomeu dos Matryres, e prégou na noite do seu enterro, terça feira 17 de julho de 1590.

---

[1] Bibl. Lus., tomo I.º, pg. 403.

Teve um filho, o capitão Martim Quezado Jacome, que continuou algumas de suas obras e entre outras as *Armarias de Portugal e Hespanha,* continuação ao Nobiliario de D. Antonio de Lima.

Fr. Manuel de Lima [1], auctor do Agiologio Domiciano.

João Moniz de Carvalho [2], Licenciado e irmão de Antonio Moniz de Carvalho.

João Gonçalves Ligaria [3], auctor comico.

O Beato Fr. Jeronymo de Jesus [4].

Ignacio Vaz Dantas [5], cirurgião.

Fr. Antonio de S. Bento [6] (Antonio Homem de Barros), filho de Luiz Homem e de Izabel de Barros, foi reitor em Coimbra em 1644.

Antonio Moniz de Carvalho [7], desembergador e Secretario das Embaixadas.

Padre Estevão Fagundes [8], celebre jesuita e eminente theologo, que morreu em 1645.

---

1 Bibliotheca Lusitana, tomo III, pg. 295.
2 » » » II, pg. 705.
3 » » » II, pg. 674.
4 » » » II, pg. 501.
5 » » » IV, pg. 168.
6 » » » I, pg. 219.
7 » » » I, pg. 333.
8 » » » I, pg. 755.

Fr. Pedro de Jesus Maria José [1], auctor da Chronica da Conceição.

Era filho de Antonio de Sousa Menezes e de D. Maria Barbosa Lobo. Professou a 29 de abril de 1721; exerceu na côrte cargos importantes; foi o chronista da sua Provincia, publicando muitas obras religiosas.

O Padre João Castellão Pereira [2], que jaz na capella do Espirito Sancto, escreveu um resumo da historia dos reis de Portugal; privilegios e sentenças dos clerigos de Vianna, e ainda sobre a origem d'esta mesma villa.

Pedro de Almeida Couraças [3] foi o auctor do Fenix Viannense ou Vianna renascida no Atrio [4]; ainda vivia em 1748, pois que n'esse ainda copilou os estatutos da capella de S. Roque.

O Padre Antonio Machado Villas-Boas [5], a quem se deve o catalogo de varões illustres de Vianna em 1725, e as Memorias sobre a fundação de Vianna de 1752.

Fr. Luiz do Monte Carmelo [6] (Luiz Claudio

---

[1] Bibliotheca Lusitana, tomo III, pg. 585.
[2] » » » IV, pg. 176.
[3] » » » III, pg. 552.
[4] *Atrium*, entrada do porto. Sobre as suas diversas significações. Vide Bluteau.— *Vocab.*, tomo I, pg. 644.
[5] Bibliotheca Lusitana, tomo IV, pg. 43.
[6] » » » IV, pg. 236.

Gomes Pereira), que escreveu alguns apontamentos sobre grego e hebraico.

Não menos notavel se tornaram em nossos dias o general Luiz do Rego Barreto, senador e 1.º visconde de Geraz do Lima, que morreu a 7 de setembro de 1848.

Antonio de Araujo d'Azevedo (conde da Barca), nosso embaixador na Russia.

Conde da Carreira, camareiro mór do senhor D. Pedro v.

Luiz Bravo d'Abreu e Lima, visconde da Carreira, sobrinho do precedente.

José Barbosa e Silva, deputado por esta cidade e fallecido em 1868.

APPENDICE

UMA CURIOSIDADE HISTORICA

Existe no pateo *da morte,* na rua da Bandeira, uma estatua de granito [1], que tem chamado a attenção dos amadores de antiguidades. Nada de notavel offerece pelo lado artistico; está bastante deteriorada; cabeça truncada, pés rachiticos e braços disformes: apenas symbolisa um facto historico.

É tradição que um antigo senhor d'aquella casa, Rocha, fôra ferido mortalmente no ventre quando entrava no pateo, mas, animoso com o escudo, segura as visceras e com a dextra prostra aos pés o inimigo, e que n'esse logar jaziam ambos. O escudo que mostra de frente tem esculpidas as armas dos Rochas, o que vem desvanecer o caracter fabuloso de antiguidade que lhe attribuem [2], a não querer suppôr o escudo

[1] Vide a gravura.

[2] O dr. Emilio Hübner nas noticias archeol., pg. 104 e 105, e seu traductor o sr. Augusto Soromenho, meu mestre e amigo, cuja perda hoje deploramos, attribuem esta estatua ás remotissimas eras dos celtas e dos romanos, con-

lavrado em epocha muito mais moderna, o que todos rejeitam. Quem tiver algumas noções de heraldica saberá que o appellido *Rocha* é representado na armaria por cinco vieiras postas em santôr em campo vermelho, o que exactamente corresponde a este escudo.

A vinda dos Rochas a Portugal data dos primeiros tempos da monarchia. Vejamos.

Manuel Faria e Sousa [1] affirma que

«D. Arnoldo da Rocha fue de los primeros nueve instituidores de los Templarios.»

Fr. Bernardo de Brito [2] diz

«Que Arnoldo da Rocha era companheiro em Portugal do Grão-Mestre Provincial d'este Reino D. Gualdim Paes, de Thomar.»

Antonio de Villas Boas e S. Paio, na sua Nobiliarchia, segue o mesmo erro que o padre Brandão e Brito a respeito de A. da Rocha.

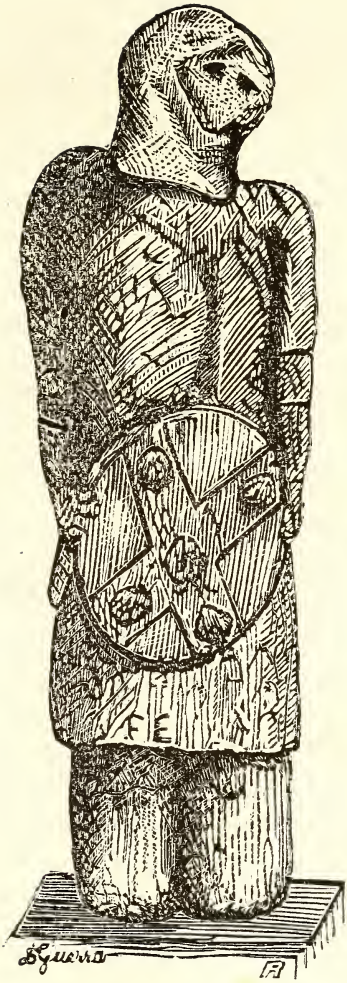
Um e outro o fazem Templario, divirgindo se foi dos primeiros nove da ordem principiada em 1119, se companheiro de Gualdim, já mestre do

---

forme a inscripção que lhe fantasmagoriam: «L(*uci*) S esti Clodomeni f(*i*)l(*ii*) Coroc(*o*) corocauci (*Tit.Cla*)udius (*Ti.*) f. Sempron(*ianus*) contu(*bernalis eiu*)s. et frater.»

[1] Europa Port., tomo III, parte 4.ª, cap. 8, n.º 13.

[2] Mon. Lus., parte 3.ª, livro 9, cap. 11.



1,70

ESTATUA DO PATEO DA MORTE

Templo, que creio não foi o primeiro em Portugal, mas um dos primeiros.

E o dr. Alexandre Ferreira nas memorias da Ordem Militar dos Templarios[1]:

«Os Rochas de origem franceza (do condado de Roche em Borgonha, segundo Moreri), fizeram assento em Vianna no Arcebispado de Braga, donde sahiram os muitos que d'este appellido ha.

«Dos nove cavalleiros que fundaram esta Ordem só de dous se sabe o nome e são de origem franceza. É provavel que Arnoldo da Rocha, ainda que nascido em Portugal, se unisse aos nove cavalleiros, talvez parentes seus, principalmente sendo Borgonhezes, e fosse um dos nove, a quem esta Ordem deveu gloria e principio. Demais, D. Gualdim era natural de Braga, a cinco leguas de Vianna, e é possivel que com elle passasse á Syria e se fizesse cavalleiro Templario.»

Sabemos pela genealogia que Martim da Rocha, fidalgo francez, que se intitulava conde de Quinzal, veio a Portugal em tempos de Affonso III, e foi o tronco[2] dos Rochas, e senhor de Torres Novas.

Um seu neto, Mr. de la Rocha (talvez D. João da Rocha), pelos reinados de D. Pedro ou de D. Fernando, fundou o solar em Vianna[3].

D'estas citações concluimos que é muito du-

---

[1] Lisboa, 1735, tomo II, parte 1.ª, pg. 751, n.os 836, 840 e 841.

[2] Arvore genealogica dos Rochas, existente na mesma casa, hoje do sr. Gaspar Malheiro de Azevedo Araujo e Gama.

[3] Supra citada arv.

vidosa a epocha ou antes o verdadeiro Rocha, que fundara em Vianna o solar; podendo-se sómente dizer que foi durante a primeira dynastia. Sendo o pateo da morte o solar dos Rochas, e estando n'elle uma estatua com o mesmo escudo, que concluir?

Tentámos decifrar algumas lettras que se vêem espalhadas no saial da armadura, mas debalde buscámos descobrir semilhanças do que aponta Hübner e o sr. Soromenho [1], que provavelmente desconheciam a tradição e a genealogia d'este fidalgo de pedra, que, com certeza, não é anterior á monarchia, pois que Arnoldo da Rocha veio a Portugal por esse tempo.

---

[1] Inscr. Hisp. Latin., n.º 2:462.

CONCLUSÃO

Depois de termos publicado as primeiras folhas, pude colher mais alguns documentos, que reforçam a nossa opinião.

Resumamos.

O nome de Vianna vem de Diana [1], como aconteceu a Denia [2], pois que ambas foram fundadas pela mesma colonia, que tantos altares levantou á sua *Diosa*. Confirma isto a etymologia da palavra *Ariosa* ou aradiosa, povoação onde aportaram os gregos-phocenses, na foz do Lima. Estes e os Gallos-celtas de commum accordo fundaram no monte visinho uma cidade, da qual ainda se vêm vestigios.

«*Estas ruinas, que estão no alto do monte, são da velha Vianna* [3].

«*E não era Britonia que ficava em Mondonhedo na Galliza* [4].» Julgamos que a sua destruição deve ser attribuida aos Suevos ou aos Vandalos e não aos Mouros [5].

---

[1] Flores, España sagrada, tomo VII, pg. 200 e 201.

[2] No cabo Martinho entre Alicante e Valencia.

[3] Fr. Prudencio Sandoval — Antig. de Tui — Braga 1610, pg. 45.

[4] Flores, tomo XVIII, cap. 1.º, que assim se inscreve.

[5] Vide pg. 30.

Não é possivel conhecer o estado politico do nosso paiz durante a dominação d'aquelles dois povos barbaros. Nos chronistas d'aquelle tempo, Idacio e S. Isidoro [1], não se encontram senão, relações confusas de alguns acontecimentos, tristes lamentações sobre ruinas, mortandades e destruição, produzidas por esta invasão.

Com relação a S. Maria de Vinha ou *Vinea*, accrescentaremos o que achamos n'uma escriptura do anno 1112 [2].

A Naustio, bispo de Tui, succedeu um bispo chamado Affonso, que deu em paga de serviços a um seu Privado, Nuno Suares, a villa de Vinea, entre os rios Ancora e Lima. Este, tendo morrido o bispo, a reteve como propria, continuando assim nos seus filhos a mesma injustiça. As sedições e guerras impediram que Tui tivesse Prelados depois de fallecer o bispo Affonso I, e vagando por muito tempo a Sé, se aproveitaram d'isso os seus possuidores, até que Affonso II, bispo do nome, a recobrou em setembro de 1112 de Christo, pois que D. Maria, neta de D. Nuno Suares, lhe fez doação da villa em testamento [3]. Foi por causa das invasões dos Nor-

---

[1] No tomo IV da Hispania illustr., Francfort, 1603, 3 vol.

[2] Flores, tomo XXII, pg. 250, appendice 2.º

[3] » » XXII, pg. 50, 59, 72, 81, 149 e 250.

mandos, que a Sé de Tui ficou vaga, pois que estes captivaram o bispo e todos os seus em 1071 [1].

Foi desde Affonso III, que S. Salvador do Atrio se começou a chamar Vianna [2] foi este rei que *de novo* lhe poz o nome.

De tudo isto resulta que Vianna, Britonia, Vinea ou Vinha e a moderna Vianna são povoações completamente distinctas.

---

[1] Flores, tomo XXII, pg. 50 e 61.
[2] Vide a nossa nota a pg. 45.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

VIANNA ANTIGA

	Pag.
Prologo	V
Calpe	5
Celticos	9
Lethes	12
Vianna	14
Decio Junio Bruto	18
Ruinas	23
Hoje	28
Notas	31

SEGUNDA PARTE

VIANNA MODERNA

Brutonia	35
Foral	37
Normandos	40
Matriz — mareantes e clerigos	44
Castello, alcaides e condes	53
Privilegios	61
Conventos	65
Egrejas, capellas e misericordia	76
Edificios publicos, camara, alfandega, vedoria e quartel	82
Porto, caes e pontes	85
Homens notaveis	92
Curiosidade historica	97
Conclusão	101

ERRATAS

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
7	16	tractavam	tractaram
9	11	determinavam	determinaram
11	2	Minho	Minho,
15	9	Raymundo	Laymundo
16	16	glanca	glauca
21	2	castellos	castellos,
26	16	Britonia a remediar o damno...	Britonia e Vianna a remediar o damno, querendo reedificar esta ultima; mas...
»	17	da	d'esta
»	nota 2.ª	897	997
28	15	bairro cidade	bairro da cidade
36	4	E palavra	E na palavra
37	Nota	pg. 115	pg. 116
76	21	rematada	rematada,
79	Nota	*Factos de Lus.*	*Fastos da Lus.*
81	8	crucifixio	crucificio
85	12	Cabello	Cabedello
87	4	arrebaldes;	arrabaldes;
94	16	desembergador	desembargador
96	3	notavel	notaveis

90-B37751

Preço 500 réis

Do mesmo auctor:

Apontamentos de Geographia.....	200	réis
Estudos archeologicos — Celtiberos	60	»
Syllabario hebraico, 2.ª edição.....	100	»
Viagem á Terra Sancta, annotada	240	»

Vendem-se nas principaes livrarias do reino.

No prélo:

Elementos da lingua arabe.